

Conselho Diretor Nacional
Cláudia Aparecida e Eduardo F.Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Vilma e Roseneo Olizete Jorge

Editoria e Redação
Arlete e João Borges
Camila e Kleber
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
cep 36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita
Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -
Juiz de Fora - MG
Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -
amarartesvisuais@gmail.com
e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

CIDADANIA	
Participação democrática	45
DESTAQUE	
Rodas de fé e cidadania	4
ECONOMIA	
Reforma da previdência e as desigualdades	53
Um desvio de percurso que ainda pode ser corrigido	41
EDUCAÇÃO	
Além de política, econômica e moral, nossa crise é de linguagem	21
Por que estudar teorias	51
FAMÍLIA	
A família resgata valores?	18
FILOSOFIA	
Jovens protagonistas questionadores	32
O Deus de Spinoza	62
INSTITUCIONAL	
2o. Festival de Arte e Cultura do MFC do Brasil	36
19º ENA: Hora de Avaliar seus Efeitos	27
MFC Itáuna - O que o MFC representa para você?	65
MEIO AMBIENTE	
Aversão de Conservadores à Ideia de Conservar	
Ambiente não faz Sentido	25
Outra tragédia a caminho	47
POLÍTICA	
A democracia dos sem vergonha	57
Forças "modernizadoras" se deixarem seduzir pela oligarquia	30
RELACIONAMENTO	
A estima de si mesmo e a saúde do casal	16
RELIGIÃO	
A alegria de crer	11
Ano do laicato	60
Misericórdia et misera	34
SAÚDE	
Alzheimer, epidemia anunciada	23
SOCIEDADE	
Nota dos Jesuítas da província do Brasil	39
O vício é fácil e a virtude difícil; destruir é mais fácil que construir	43
Paciência como virtude	49
Tíbios e sibilinos	55

RODAS FÉ E CIDADANIA

Proposta de um programa de evangelização e educação política entre cristãos e cristãs, para a Comissão de Justiça e Paz – CJP, da Arquidiocese de Olinda e Recife, como contribuição eclesial à construção de um projeto de país e de democracia que realize o BEM VIVER, concretização terrestre do REINO anunciado por JESUS .

I - A CONJUNTURA E SEUS DESAFIOS.

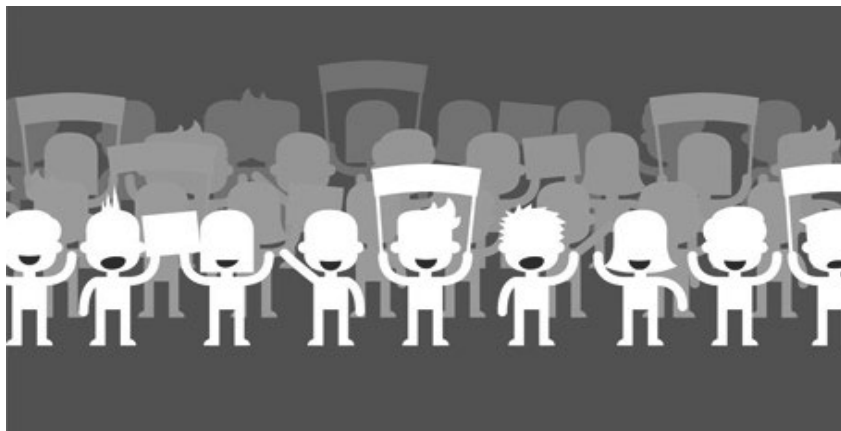
A conjuntura que o país atravessa está mais para descrédito, desengano, desesperança... Não é fácil avistar alguma luz no fim do túnel... Um bispo emérito de muitos méritos, que muito tem contribuído para alertar a Igreja sobre a gravidade do momento e as responsabilidades dos cristãos e cristãs, escreveu recentemente:

Estamos vivendo momentos decisivos para o Brasil. Está em risco o seu futuro de nação soberana. Faz-se urgente reverter a dinâmica de deterioração dos poderes estabele-

cidos, e da contaminação dos efeitos deletérios da corrupção avassaladora que tomou conta das esferas governamentais, e que vai se disseminando na própria sociedade.

A nação ficou atônita e estarecida, diante da revelação de atos de corrupção praticados com desenvoltura, envolvendo governantes e empresários, implicando enormes somas de recursos financeiros, colocando dinheiro público a serviço de interesses particulares.

(... ...)Diante disto, é preciso superar a tentação do desânimo. Urge enfrentar os desafios que se colocam diante de nós.



E a lucidez de um profeta que a tudo e a todos e todas está atento, com seu zelo pastoral e sua competência de pensador cristão, coincidentemente, na mesma data em que escreveu Dom Demétrio, vem nos ajudar a perceber que

Vivemos tempos de grande desamparo social. Ocorreu uma espécie de terremoto, desta vez, não provocado pela natureza mas pela própria política.

A consequência é um sofrido vazio de esperança. Mas importa resgatar o caráter político- transformador da esperança.

(.....)De Santo Agostinho, talvez o maior gênio cristão, grande formulador de frases, nos vem esta sentença: “a esperança tem duas filhas queridas: a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a recusar as coisas como estão aí; e a coragem, a mudá-las” .

Creio que como Igreja, a partir das implicações mesmas de nossa fé cristã, podemos dar, e urge que o façamos, uma contribuição válida e quem sabe, decisiva, para a construção de uma verdadeira democracia social, tomando como base a Constituição Cidadã de 1988, primeiro, pressionando para tornar efetivo o que aí está estabelecido, e, ao mesmo tempo, investindo na realização de uma nova Constituinte para uma Reforma Política que venha aperfeiçoar ou complementar tudo quando a Constituição de 88 deixou a desejar ou não conseguiu efetivar.

II – DO QUE PRECISAMOS, COM URGÊNCIA.

Precisamos construir a hegemonia popular. Antes de tudo, precisamos ajudar a população a libertar-se de vez do opressor incrustado na mente e no coração do oprimido, dominando-o por dentro, como bem nos alertava Paulo Freire. Temos que enfrentar uma mídia quase onipotente, capaz de fazer a cabeça do povo, tornando-o, contraditória e tragicamente, o principal apoiador dos processos de dominação, exploração e exclusão que o infelicitam, implementados pela oligarquia que há 500 anos se apossou desta terra como seu patrimônio, e se recusa, com unhas e dentes a abrir mão dos privilégios dos quais sempre desfrutou.

Como bem nos ajuda a perceber Roberto Regalado, cientista político cubano, fundador, há 25 anos, de uma articulação política da esquerda latino-americana, o Foro de São Paulo, em entrevista a Igor Fuser :

(...) como tendência geral, o que se percebe é que a direita e o imperialismo já conseguiram reduzir os espaços democráticos que nós tínhamos conseguido abrir. Está se fechando o ciclo progressista e agora é necessário abrir um ciclo revolucionário. Isso não significa, é claro, um retorno à luta armada, mas sim a necessidade de transcender a democracia burguesa e construir uma nova democracia política, econômica, social e cultural, de signo popular.

Regalado não vê a possibilidade de que, se a esquerda voltar a ganhar as eleições (...), isso vá resolver o problema. É claro que é positivo obter novamente vitórias eleitorais, mas isso deve ocorrer com base num projeto transformador. As campanhas eleitorais devem ter na sua base um projeto que se proponha realmente a construir o alicerce de uma democracia popular, comunitária, que incorpore todos os tipos de participação democrática que o povo foi construindo dentro da democracia burguesa. Isso não se consegue simplesmente batalhando para ganhar uma eleição.

(...) É o que Gramsci já dizia: não basta o poder formal. O poder principal é o que está dentro da cabeça das pessoas.

(...) um grave erro dos governos progressistas: o de apostar tudo na via institucional, deixando de lado o esforço para conquistar hegemonia ideológica na sociedade.

(...) Mas esse não é um desafio que se resolva na base do voluntarismo. O ponto de partida é conquistar a confiança do povo, recuperar o seu apoio e a nossa capacidade de mobilizar essa parcela da população que se deixou confundir pelo neoliberalismo.

Segundo Regalado, houve quem acreditasse (...)ser possível fazer uma transformação política profunda com uma mudança das Constituições, se não como uma garantia

absoluta, ao menos como o pilar fundamental. Percebo agora que para saber qual é o pilar fundamental é preciso reler os clássicos, reler Gramsci. E lá está que o pilar fundamental é a hegemonia. Nosso erro foi deixar de lado a construção da hegemonia.

Mas não podemos deixar de escutar os dois alertas que nos faz Boaventura de Souza Santos, no final de uma entrevista dada à Rede Brasil Atual – RBA, em 08 de janeiro deste ano:

Os erros da esquerda explicam a retomada neoliberal?

Hoje, o neoliberalismo na América Latina tem dois nomes: o imperialismo norte-americano e o imperialismo da União Europeia. A esquerda latino-americana está despreparada para combater eficazmente esse perigo para as forças progressistas. Desde que a Teologia da Libertação foi praticamente banida por papas reacionários, a esquerda deixou de saber onde moram os desgraçados, condenados, excluídos, silenciados, ressentidos do continente. E se soubesse onde moram, não saberia como falar com eles. Parafraseando um grande marxista deste continente, José Carlos Mariátegui (pensador peruano), o pecado capital da esquerda latino-americana é ter-se esquecido dos desgraçados e desgraçados do continente, levada pela miragem da conquista de supostas classes médias que no continente sempre estiveram ao lado das oligarquias.

Quais podem ser os impactos de uma medida que limita gastos públicos por 20 anos para a democracia brasileira e para a sociedade?

Devastador. Anuncia um brutal aumento do fascismo social e o consequente definhamento da democracia. Trata-se de uma medida provocatória destinada a mostrar às classes populares que não poderão mais acreditar nas promessas da esquerda e que o pouco que poderão esperar do Estado é o que lhes for dado pela direita. Espero que os brasileiros e as brasileiras tornem o país ingovernável aos poderes que os querem governar com tais medidas.

E como não ter presentes os alertas e as orientações de Papa Francisco, quando do III Encontro dos Movimentos Populares do mundo, Cidade do Vaticano, novembro de 2016? ...:

Dar o exemplo e reclamar é um modo de fazer política, e isso me leva ao segundo tema que vocês debateram no encontro: a relação entre povo e democracia. Uma relação que deveria ser natural e fluída, mas que corre o perigo de ofuscar-se até tornar-se irreconhecível. O abismo entre os povos e as nossas atuais formas de democracias e alarga sempre mais em consequência do enorme poder dos grupos econômicos e midiáticos que parecem dominá-las.

Os movimentos populares, eu sei disso, não são partidos políticos e deixem que eu lhes diga que, em

grande parte, aqui está a riqueza de vocês, porque vocês expressam uma forma diversa, dinâmica e vital de participação social na vida pública. Mas não tenham medo de entrar nas grandes discussões, na Política com maiúscula, e cito novamente Paulo VI: “A política é uma maneira exigente – se bem que não seja a única – de viver o compromisso cristão a serviço dos outros” (Carta Apostólica Octogesima Adveniens, 14 de maio de 1971, 46).

Gostaria de sublinhar dois riscos que giram em torno da relação entre os movimentos populares e a política: o risco de deixar-se formatar e o risco de deixar-se corromper.

Primeiro, não se deixar formatar, porque alguns dizem: a cooperativa, o refeitório popular, a horta agroecológica, as micro-empresas, o projeto dos planos assistenciais... até aqui tudo bem. Enquanto vocês se mantiverem limitados às “políticas sociais”, enquanto vocês não colocarem em discussão a política econômica ou a Política com maiúscula, vocês são tolerados. A idéia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres e muito menos inserida em um projeto que reúna os povos, me parece, às vezes, uma espécie de caminhão caçamba maquiado para conter o descarte do sistema.

Quando vocês, a partir da sua relação com o território, da sua realida-

de cotidiana, do bairro, do local, da organização do trabalho comunitário, das relações de pessoa a pessoa, ousarem colocar em discussão as “macro-relações”, quando gritarem, quando pretenderem indicar ao poder um planejamento mais integral, então vocês não serão mais tolerados tanto, porque estarão saindo do formato, estarão se colocando no terreno das grandes decisões que alguns pretendem monopolizar em pequenas castas. Assim, a democracia se atrofia, torna-se um nominalismo, uma formalidade, perde representatividade, vai se desencarnando porque deixa fora o povo na sua luta cotidiana pela dignidade, na construção do seu destino.

Vocês, organizações dos excluídos e tantas organizações de outros setores da sociedade, são chamados a revitalizar, a refundar as democracias que estão passando por uma verdadeira crise.

Não caiam na tentação da limitação que os reduza atores secundários, ou pior ainda, a meros administradores da miséria existente. Neste tempo de paralisias, de desorientação e de propostas destrutivas, a participação como protagonistas dos povos que buscam o bem comum pode vencer, com a ajuda de Deus, os falsos profetas que exploram o medo e o desespero, que vendem fórmulas mágicas de ódio e crueldade ou de um bem-estar egoísta e uma segurança ilusória.

Sabemos que “enquanto não forem radicalmente solucionados

os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. A desigualdade é a raiz dos males sociais” (Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, 202).

Por isso, disse e repito, “o futuro da humanidade não está somente nas mãos dos grandes líderes, das grandes potências e das elites. Está, sobretudo, nas mãos dos povos; na sua capacidade de organizar-se e também nas mãos que irrigam, com humildade e convicção, este processo de mudanças” (Discurso ao II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, Santa Cruz de La Sierra, 9 de julho de 2015).

Também a Igreja pode e deve, sempre tender ter o monopólio da verdade, pronunciar-se e agir especialmente diante das “situações em que se tocam as chagas e os sofrimentos dramáticos, e nos quais estão envolvidos os valores, a ética, as ciências sociais e a fé” (Pronunciamento no Encontro de Juizes e Magistrados contra o Tráfico de Pessoas e o Crime Organizado, Vaticano, 3 de junho de 2016).

O segundo risco, dizia-lhes, é deixar-se corromper. Como a política não é um assunto dos “políticos”, a corrupção não é um vício exclusivo da política. Existe corrupção na política, existe corrupção nas empresas, existe corrupção nos meios de comunica-

ção, existe corrupção nas Igrejas e existe corrupção também nas organizações sociais e nos movimentos populares. É justo dizer que existe uma corrupção radicada em alguns âmbitos da vida econômica, em particular na atividade financeira, e que é menos notícia do que a corrupção diretamente e ligada ao âmbito político e social. É justo dizer que muitas vezes os casos de corrupção são utilizados com más intenções.

Mas também é justo esclarecer que aqueles que escolheram uma vida de serviço, têm uma obrigação adicional que se soma à honestidade com que qualquer pessoa deve agir na vida. A medida é muito alta: é necessário viver a vocação de servir com um forte sentido de austeridade e a humildade. Isso vale para os políticos, mas vale também para os dirigentes sociais e para nós pastores.

A qualquer pessoa que seja muito apegada às coisas materiais ou ao espelho, a quem ama o dinheiro, os banquetes exuberantes, as mansões suntuosas, as roupas refinadas, os carros de luxo, aconselharia a entender o que está acontecendo em seu coração e a rezar a Deus para que o liberte destes apegos. Mas, parafraseando o ex-presidente latino-americano que se encontra aqui, aquele que está afeiçoado a todas estas coisas, por favor, não entre na política, não entre em uma organização social ou em um movimento popular, porque causaria muito dano a si mesmo e ao próxi-

mo e mancharia a nobre causa que assumiu.

Diante da tentação da corrupção, não existe melhor remédio do que a austeridade e praticar a austeridade é, também, pregar como exemplo. Peço-lhes que não subestimem o valor do exemplo, porque tem mais força do que mil palavras, de mil panfletos, de mil “curtidas”, de mil retweets, de mil vídeos no Youtube. O exemplo de uma vida austera a serviço do próximo é o melhor modo para promover o bem comum e o projeto-ponte dos 3T. Peço-lhes, dirigentes, para não se cansarem de praticar esta austeridade e peço a todos que exijam dos dirigentes essa austeridade, que – por outro lado – os fará muito felizes.

Queridas irmãs e irmãos, a corrupção, a soberba e o exibicionismo dos dirigentes aumenta o descrédito coletivo, a sensação de abandono e alimenta o mecanismo do medo que sustenta este sistema iníquo.

Gostaria, para concluir, pedir-lhes para continuar a combater o medo comum a vida de serviço, solidariedade e humildade em favor dos povos e especialmente daqueles que sofrem. Vocês vão errar muitas vezes, todos erramos, mas se perseveramos neste caminho, cedo ou tarde, veremos os frutos. E insisto, contra o terror, o melhor remédio é o amor. O amor tudo cura.(...)

Na Amoris Laetitia cito um falecido líder afro-americano, Martin

Luther King, que sabia sempre escolher o amor fraterno até mesmo em meio às piores perseguições e humilhações. Quero recordar esta passagem com vocês: “Quando te elevas ao nível do amor, da sua grande beleza e poder, a única coisa que procuras derrotar são os sistemas malignos. Às pessoas que caíram na armadilha desse sistema, tuas amas, mas procuras derrotar o sistema (...) Ódio por ódio só intensifica a existência do ódio e do mal no universo. Se eu te bato e tu me bates, e te devolvo a pancada e tu me devolves a pancada, e assim por diante, obviamente continua-se até o infinito simplesmente nunca termina. Nalgum momento, alguém deve ter um pouco de bom senso, e esta é a pessoa forte. A pessoa forte é aquela que pode quebrar a cadeia do ódio, a cadeia do mal”

1.D. Demétrio Valentini - “Quo Vadis, Brasil?” - 15 de junho de 2017 - www.diocesedejales.org.br

2.Leonardo Boff - A Força Política da Esperança face à Situação Atual - 15 de junho de 2017

3.Brasil de Fato | San Salvador (El Salvador), 17 de Maio de 2017

** Reginaldo Veloso, Presbítero leigo das Comunidades Eclesiais de Base; Assistente adjunto do Movimento de Trabalhadores Cristãos (ACO/ MTC) – Regional NE 2; Assessor Pedagógico Nacional do Movimento de Adolescentes e Crianças – MAC; Membro da Equipe de Reflexão sobre Música Litúrgica do Setor de Música-Liturgia da CNBB; Assessor Pedagógico do Programa de Animação Cultural – PROAC; Mestre em Teologia e em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, Roma (1962 e 1965, respectivamente).*

CONCLUSÃO NA PRÓXIMA EDIÇÃO



*“Este mundo contém todas as maravilhas que
você poderia esperar do próprio Céu”*

Thich Nhat Hanh

A ALEGRIA DE CREER

Descompasso ando, sim, constatando entre o riso esdrachado e a péssima qualidade de humor nas ondas. A mediocridade banal alheia não me diverte. O besteiro me entristece. Até parece que existe uma religião pública (republicana à la Brasil) de engrandecer e rir a tudo. Aplaudir promessas (jamais efetizadas). “Sorria”, você está no melhor dos mundos e nunca dantes neste país... Vejo pouca alegria, algazarra muita. Verifico disfarces. Estariam as pessoas disfarçando o mal-estar, politicamente incorreto? Existe um autorretrato Brasil que os governos não querem ver, e certa parcela da população não quer saber. Quem sabe, por isso, surpreendi-me com a insistência do Papa Francisco na exortação apostólica A ALEGRIA DO EVANGELHO sobre a transformação missionária da Igreja. Dá para apostar? Este olhar de Francisco me provoca a entender melhor a “espiritualidade da alegria” que germina com o contentamento de crer e anunciar Jesus, sendo alegremente parte de uma Comunidade de Fé.



Assim emergiu a temática para este minifúndio: A ESPIRITUALIDADE DA ALEGRIA. E começo com esta pergunta: - o que tornou viável a incrível expansão do ser Igreja de Jesus lá nos começos? Embora, quem sabe, por isso mesmo o apóstolo Paulo houvesse anotado ser a mensagem de Cristo “ um escândalo para os judeus e uma loucura para os gregos” (1 Cor. 1,23). Não vou fazer história de mentalidades. Faísco, apenas, fragmentos no que tange à alegria de crer.

O CRISTIANISMO, UMA BELA TENTAÇÃO OUTRORA.

Roma e seus deuses tão familiares. Tão protetores, apaziguadores. Eram os romanos ciosos em garantir a iniciativa humana. Grécia e sua filosofia de bem-vi-

ver, dada a concepção de que o mundo é harmonioso, justo, bom e belo. Nada caótico. Onde lutar era preciso: aprender a sabedoria e expelir o ruim. Catarsis. A encenação de tragédias tinha o fito popular catártico. Purificador. Harmonizador. Recriando a ordem boa e bela. Os judeus para ver e praticar a vida estavam sob a pedagogia da Lei (Torá) de Adonai, o Senhor que ama seu povo. Intolerável para o judeu a concepção de um deus fraco. Então, que “tentação” foi essa de seguir Jesus de Nazaré, o Cristo, agrupando-se em comunidades de Fé, alegremente? Romanos, gregos e judeus..., agora renascidos CRISTÃOS. O vivido e o transformado. Hábitos desfeitos. E a alegre afirmação de ser-no-mundo como entusiastas seguidores de Jesus. Por quê? Fácil não foi.

NADA FÁCIL

Não foi nada fácil afirmar que o único Deus era CHRISTUS, derubando de vez o Panteão dos deuses, guardadores das cidades, e nada fácil ultrapassar a compreensão de deus-onipotência a um Deus presença amorosa (isto sim, real potência). Não foi nada fácil. Os cristãos da Roma incendiada, por exemplo, foram os acusados do crime naquele 64. Pura calúnia!. E comentavam entre amigos: - Gaius? Um cara legal. Pena que seja cristão. Atribuíam-se aos cristãos orgias e adoração de um

asno crucificado; quem mereceu castigo de escravo, jamais pode ser alguém recomendável. Que luta ser cristão! Eram tidos como pretensiosos: “pretensão demais dizer que nossos deuses não existem”. E por mais que os cristãos confirmassem sua cidadania, pagassem os impostos, rezassem pelas autoridades, continuavam considerados “desertores”. Essa pretensão de única religião de salvação libertadora..custou o sangue dos mártires. E quantos! Vale relembrar a história de Justino, o apologeta: buscara várias escolas de vida, testou-as e acabou se batizando cristão. O batismo lhe rende ser decapitado.

O AMOR COMO CAMINHO

No entanto, difícil assim, crescia alegremente uma outra modalidade de viver a vida, outro jeito de olhar o outro, de entrever o Divino em nós, entre nós, conosco. Sim, Alguém os sustentava com sua forte presença; eles eram os únicos a vivenciá-la e a identificarem. Presença inspiradora e vivificante: o Espírito santo de Jesus. Inspira e com eles conspirava não somente no campo estritamente religioso, mas na convivência, na teia de relações, no modo de cultivar a vida. De fato acontecia mesmo uma METANOIA: vidas transformadas, transfiguradas. Coração e mente convertidos, ou seja abandono de idéias e concepções reinantes,

novo empenho em ver as coisas e as estruturas com os olhos iluminados de Jesus Cristo, tais como o Pai as deseja. A indagação repetida: - o que o Pai dos céus está a nos pedir, o que está querendo de nós?

Sim, os cristãos eram diferentes, sabedores desta magnitude: Deus plantara sua tenda entre nós e por nós. Para todo sempre. A prática da vida passa a ser vivida como uma benção do Deus Amor, ampliando sem fronteiras esta amorosidade. Amar sem fronteiras e estreitezas nacionais divergentes por guerras comprometia-os com a solidariedade. Praticar fraternização! Esta inesperada, impensada e inacreditável valorização de cada pessoa e de todas elas, era perturbadora para os do poder classificador e gestor de desigualdades. Mas a sedução de um amor assim inédito (vocês são todos irmãos e filhos(as) do Pai celeste) fascinava. O amor ao outro como a si mesmo, criando igualdade, fascinava. Recriava o crescimento para todos. Mesmo tidos como “desviantes” ou “ marginais”, os cristãos dos começos cresceram à sombra e à margem deste Amor maior: Deus ama a todos. E cresceu o cristianismo, este outro caminho de caminhar fazendo história. É de Justino este dizer: - Quanto mais nos perseguem, mais cresce o número daqueles que o nome de Cristo atrai para a

fé e para a religião. É uma onda de Amor. E não há amor que não gere alegria.

ENTRA NA CIRANDA TAMBÉM

Eles, os cristãos das origens encontraram este outro caminho. Será que estamos em algum tipo de analfabetismo amoroso, nestes atuais tempos? Em que jardins crescem, leitor(a), suas alegrias cristãs? Papa Francisco escreve: - Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo aos tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. (Alegria do Evangelho, no. 11)

Das origens vem o Amor reboando, reboando. E uma novidade amanhecendo, amanhecendo. Um amanhecer que não pára, não pára. Quando circula esta energia amorosa fazendo ao outro também o que se faz a si mesmo, estabelece-se a constelação da alegria de crer, confiar, ousar. A alegria modela-se nos projetos de partilha, solidariedade e crescimento. Na constelação da alegria giram em ciranda a esperança, a amizade, o contentamento, a vibração. A ciranda deste viver alegre vai de mãos dadas com a generosidade e a gratidão. Entra, na roda também você...

Pe. Dalton Barros de Almeida CSSR

daltonba@terra.com.br



A era do roubo da atenção

Ronaldo Lemos*

Quer gastar o seu tempo de forma construtiva? Então leia o artigo publicado neste mês por Tim Wu na revista "Wired" chamado "A Crise do Roubo de Atenção". O título é autoexplicativo. Nele Wu -que é professor na Universidade Columbia- constata que estamos vivendo um verdadeiro "arrastão" contra uma das nossas principais habilidades: a capacidade de nos concentrarmos.

Hoje pagamos pelo que consumimos de dois jeitos. Podemos pagar com dinheiro ou podemos pagar com nossa atenção. Grande parte dos serviços da internet que utilizamos, como e-mail, redes sociais, aplicativos de mensagens, não é "gratuita". São pagos com nossa atenção. Mesmo os veículos de mídia tradicional, como jornais ou TV,

são pagos parte em dinheiro (como assinaturas) e outra parte também com atenção.

O problema é que começa a surgir uma gigantesca indústria criada para "roubar" essa atenção sem dar absolutamente nada em troca. São empresas que, sem ter nenhum tipo de consentimento, empurram publicidade involuntariamente sobre um número cada vez maior de pessoas.

São muitos os exemplos. Algumas cidades brasileiras já têm táxis que exibem vídeos publicitários para todos os passageiros que entram neles. Muitos não têm sequer a opção de desligar a tela. O mesmo acontece com algumas companhias aéreas. Assim que as portas do avião são fechadas, vídeos comerciais que não foram solicitados por ninguém são exibidos. Outro exemplo perverso são aca-

demias de ginástica que colocam uma tela de TV com propaganda obrigatória na frente de cada cliente. A tendência espalha-se e já é visível em elevadores, salas de espera, filas etc.

Em todos esses casos alguém ganha dinheiro com esse tipo de anúncio. Além da falta de consentimento, a questão é que nada retorna para quem teve sua atenção roubada. Passagens de avião, corridas de táxi ou academia não ficarão mais baratas. Nem filas nem elevadores ficarão mais rápidos ou confortáveis.

Tim Wu lembra que a atenção é um recurso escasso e, por essa razão, cada vez mais valioso. Cada pessoa tem um capital limitado de atenção para gastar. Além disso, a expansão da publicidade não consensual eleva os níveis gerais de estresse, contribui para aumentar a sobrecarga de informação e afeta

em última análise a saúde mental coletiva (há preocupação com os efeitos especialmente sobre crianças e jovens).

O que fazer? Wu vai direto ao ponto. Ele defende que as cidades regulamentem esse tipo de mídia invasiva, não consentida. Da mesma forma como foram regulados os “outdoors” no passado, as cidades têm capacidade de criar espaços em que a publicidade não consentida é regulamentada. Em um futuro em que a publicidade digital tende a tomar conta dos espaços públicos, cidades que caminharem nesse sentido podem se tornar oásis do livre arbítrio informacional.

** Ronaldo Lemos é advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITSrio.org). Mestre em direito por Harvard. Pesquisador e representante do MIT Media Lab no Brasil.*

Transcrito da Folha de São Paulo

“Mudar e mudar para melhor são duas coisas diferentes”

Provérbio alemão



A estima de si mesmo e a saúde do casal

Deonira La Rosa*

A primeira pessoa com quem nos comunicamos e em quem precisamos pôr toda confiança somos nós mesmos. Costumamos reagir aos acontecimentos da vida a partir de nossa personalidade e de tudo o que já vivemos.

A capacidade do indivíduo de acreditar ou não em si mesmo depende de sua história. Os relacionamentos na infância com os pais ou cuidadores são fundamentais no desenvolvimento do eu, da autoimagem.

A estima de si é uma atitude interior que consiste em reconhecer que temos valor, que somos únicos e importantes. É reconhecer-se e amar-se como se é, com qualidades e limites.

Sendo assim, o primeiro passo para vivermos bem e também para formarmos um casal saudável e feliz será fazermos um bom trabalho conosco mesmos, burilando nossa própria autoestima: reconhecer, aceitar, reconciliar-se consigo mesmo, para poder renascer.



ESPAÇOS DE SOLIDÃO PARA AUTOANÁLISE

Fazer uma boa análise em relação a tudo o que nos escraviza, como cólera, álcool, intolerâncias, ciúmes...Verificar nossas dependências em relação à família, trabalho, smartphones... Como estão nossos valores: moral, ética, sonhos, religião... Perceber nosso valor pessoal único e descobrir as próprias características. Como andam nossas evasões, como hiperatividade, silêncios... Abrir os olhos sobre nossas faltas de humor, de respeito, de encantamento, de cuidado... Críticas e xingamentos?

Esta análise fará com que nos conheçamos, especialmente quanto às nossas necessidades, faltas, defeitos, feridas, capacidades...Nos dias atuais, quando todo mundo corre e corre, reservamos pouco ou nenhum horário para ficar conosco mesmos, retirados em silêncio para fazer estas análises. Entretanto, elas são fundamentais, e para quem vive como casal, é necessário não perder de vista que desta saúde individual também dependerá, e muito, a saúde da relação marital e vice-versa. São ambas interdependentes.

Aprender a aceitar-se, apreciar-se, conhecer os próprios gostos, suas necessidades, suas capacidades e seus limites ajuda a aumentar sua autoestima, E, para aumentar a autoestima, é preciso mudar de atitude, ter uma visão da vida e de si mesmo que seja positiva e realista.

Quando atravessamos uma crise conjugal, podemos questionar-nos: Com aquilo que sou, o que posso fazer? Como hoje posso ser autor, autora, na reconstrução do meu casamento?

Um cuidado é exigido: estar consciente de que as características individuais fazem parte de um ciclo de contínuas ações e reações e não provêm apenas de fatos isolados. Em toda família coexistem tendências para a saúde e para a doença, o diferencial se fará e dependerá de como a família enfrenta situações de crise e como está a afetividade e a comunicação entre os seus membros.

MUDAR É POSSÍVEL

Desfazer-se da crença de que “eu nasci assim, fui criado(a) assim, agora resta-me viver assim”. Há características de nossa personalidade que, se forem mudadas, deixaremos de ser nós mesmos, perderemos nossa identidade.

Mas, você há de convir, há comportamentos nossos que, se os mudarmos para melhor, tanto nós como todos os que convivem conosco – marido, mulher, filhos, vizinhos e parentes – darão graças. Crescer, evoluir, e permitir que os outros evoluam, eis aí uma possibilidade resultante do autoconhecimento, da autoanálise.

** Deonira La Rosa é Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia*



A FAMÍLIA RESGATA VALORES?

Respondendo, não digo que “acho”. Afirmo que SIM! É a sua missão!

E mais, e esta é missão intransferível da Família! Pois é nisto que consiste o mister de Educar. E para educar, formando a personalidade do filho com os valores que lhe caracterizarão como ser livre, responsável, equilibrado, altruísta, magnânimo, leal, fiel, trabalhador etc., os educadores necessitam voltar a atenção para o estudo da Ciência da Consciência.

Estudo este que mesmo não sendo tão recente, embora fundamental, tem sido aprofundado por pedagogos, psicólogos, filósofos, sociólogos, neurocientistas e até físicos quânticos, pois, já não se aceita mais, segundo os doutos da Ciência da Educação, agir sem a consciência de que o Ser Humano para que possa aprender a agir e interagir socialmente, deve buscar no dia-a-dia não só conhecimentos, mas também o autoconhecimento em prol da sua almejada autorrealização.

EDUCAÇÃO É COMPROMISSO

- É este estudo, segundo a Dra. Maribel Barreto, um dos maiores expoentes contemporâneos da Educação, com pós-doutorado em Consciência, Transdisciplinaridade, Educação e Criatividade, Especialista em Psicopedagogia, que nos dá a perceber que o Ser Humano por pensar, sentir e, por consequência, agir, carece de um projeto de educação que não seja dissociada do corpo, da alma, e da sua totalidade, enquanto Ser Humano. E é ela que afirma que “Ciência sem Consciência deforma a alma humana e fragmenta o corpo físico”, pois é com consciência que se tem de viver os valores que a pessoa se plenifica, na a integração de todas as suas dimensões.

Num instante de tanta tecnologia que ora vivemos, a Família atenta, aponta para o filho, os caminhos dessa realização, e não os da busca desenfreada do ganho mercenário, do lucro financeiro para que assim ele possa descobrir o valor e não os preços das coisas.



EDUCAR É HUMANIZAR - A Família atenta descobre que a “idéia de apenas, dar ao educando, instruções, informações, de fazer testes, receber diplomas, para que se torne grande profissional, sem o seu despertamento, o conhecimento, o desenvolvimento e a expansão da Consciência”, que conduzem-no à humanização, não representa um ideal de progresso, de autorrealização. Não que se menospreze o uso da ciência e da tecnologia, mas, que se busque integrá-las à formação do Ser Humano, com o respaldo de princípios éticos, morais e estéticos elevados. Desta forma, sim, a Família resgata valores!

Lembro-me ter escutado, desde criança, que se ia à escola para aprender a ler e escrever. Que sofisma! Que ledro engano! Descobri há muito e passei a transmitir a quem me dirijo, em ocasiões favoráveis, que se vai à escola é para aprender a melhor pensar, e, lendo e escrevendo, muito melhor o fazemos...

AÇÃO QUE EDUCA - Sempre que somos interpelados pelos temas relacionados a Família, Educação, Valores etc., para quem conhece a Escola de Pais, sua mística e ação transformadora, de logo se vê assaltado por um turbilhão de lembranças dos seus mais diversos documentos construídos nessa direção. São 50 anos de trajetória, só na Bahia. 50 anos de doação empenhada para que a Família seja fortalecida no cumprimento desse seu ministério.

A Escola de Pais existe e age, por entender, como diz a jornalista A.Gabriele, que “o que realmente importa não é o modo como se enxerga a

vida, mas o modo em que se vive a vida”. E a vida nos está sendo concedida para que a vivamos, “em abundância”, como quer o maior dos pedagogos de todos os tempos: Jesus Cristo.

MAIOR VALOR: O AMOR - Só o Amor, então, justifica a vida. Somos fruto do amor, e vivemos para o amor. O amor é a excelência dos valores do Ser Humano. O amor é vida em abundância!

Muito se tem falado, e não é de hoje, sobre o tema Valores, sua hierarquia, contravalores...

Dimensionando a Axiologia, o psiquiatra infantil H. Grunspun diz que “Os valores regem a vida, determinando os modos de agir e atuar de cada indivíduo, frente ao mundo”. E justifica que “Os valores existem porque os homens têm necessidades e vontades... daí serem criadores de valores, por meio dos quais estabelecem seus modos de vida”.

O filósofo e teólogo Pe. Antônio Aquino diz que “Valores são tudo aquilo que torna as coisas e ações mais ou menos estimadas e desejadas... são critérios de avaliação, são referenciais com um certo sentido de ‘absoluto’, dos quais dificilmente abrimos mão... eles pautam nossa conduta, e têm certamente uma dimensão pessoal, subjetiva...”

Somando-se a estes, o grande professor e filósofo Pedro Goergen diz, serem Valores, “Um conjunto de características de uma determinada pessoa ou organização que determinam a forma como estas se

comportam e integram com outros indivíduos e com o meio ambiente”.

FAMÍLIA É MÃE E MESTRA

- Assim, a cada reflexão, ficamos ainda mais convencidos de que está na Família a chave de tudo... E se ela terceiriza seu dever, transferindo para outras instituições, vai chegar fatalmente à Febem (!) que em 30 anos encarcera mas não recupera.

O teólogo ecumênico Hans Kung afirma, categoricamente, que “Sem moral, sem normas éticas, sem padrões globais, as nações correm o perigo de, através de acúmulo de problemas durante decênios, caminhar para uma crise que pode levar ao colapso nacional, isto é, à ruína econômica, à desmontagem social e à catástrofe política”.

Há anos que se falam em crises, no mais amplo sentido, e M. Barreto explica que “A crise contemporânea da nossa sociedade está alicerçada, principalmente, no nosso descuido ou mesmo descomprometimento com os valores morais, éticos e estéticos elevados, demonstrados nas nossas ações cotidianas”. Já, agora, dá para se perceber melhor o porquê de tudo que sabemos estar acontecendo na esfera política nacional, envolvendo os Poderes Constituídos. E também podemos entender que, de fato, “O futuro de uma nação começa dentro de nossa casa!”.

DEUS É A REFERÊNCIA MAIOR

- Qual a razão maior da crise? P. Goergen, em um dos seus estudos, constatou que seu início se deu “Quando Deus deixou de ser tanto o fundamento indiscutível das normas morais

quanto o ponto de referência para as decisões morais do homem...”

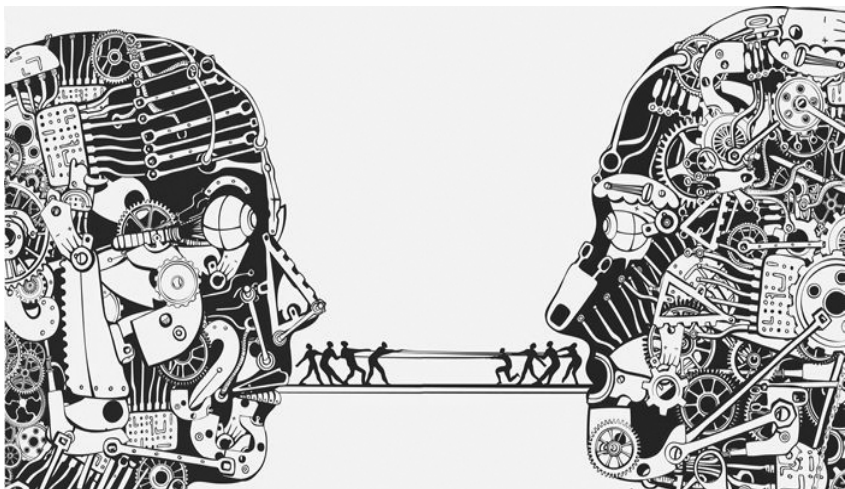
Os pensadores concordam que todos nascemos com alguns valores básicos de humanos que somos. E a doutrina cristã nos ensina, sobre Consciência Moral, que “Na sua intimidade, o homem descobre uma lei. Ele não a dá a si mesmo. Mas a ela deve obedecer. Chamando-o sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno a voz desta lei ressoa no íntimo de seu coração... É uma lei inscrita por Deus no coração do homem. A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa Sua voz”.

A Família atenta educa, pois, atenta está a essa lei ou consciência. Ensina valores, incentiva virtudes, e esclarece o juízo moral para que o educando resista às influências negativas de um mundo que valoriza o materialismo, o consumismo, o hedonismo, a ostentação, a apostasia, a desagregação familiar...

Ainda não vi fonte melhor dos Valores que nos ensinamentos bíblicos. Por exemplo, contra a violência e a arrogância o Livro do Eclesiástico (3, 19-21) ensina Mansidão e Humildade; contra vaidade e ambição o Evangelho de Jesus (Lc 14, 7-14) recomenda Modéstia e Gratuidade; contra a indiferença de religiosos e o descaso para com os marginalizados, Jesus ensina (Lc 10, 25-37) Espiritualidade e Ação Misericordiosa e Solidária...

Ele, o Mestre dos mestres se faz “manso e humilde de coração” como exemplo a ser seguido.

Sinézio Galvão



Além de política, econômica e moral, nossa crise é de linguagem

A crise brasileira assusta pela amplitude: é política, econômica, institucional, moral e quantos adjetivos se quiser acrescentar. É uma crise de linguagem também. Talvez não seja este o menor dos problemas.

Faz tempo que a linguagem –o conjunto de símbolos com que tentamos dar conta do mundo, um do outro, de nós mesmos– foi rebaixada à segunda divisão de nossas preocupações.

Vista como acessória, mero instrumento ou reflexo de instâncias mais sérias na administração da máquina-mundo, ela seria o domínio da irrelevância que no máximo distrai, representada pela literatura, ou da retórica que no mínimo engana, arte de políticos e marqueteiros.

Sem o poder de iluminar a escuridão que outras épocas lhe atribuíram, o isqueirinho Bic que

restou desse fogo de Prometeu se apequenou diante do que, segundo todos, importa de verdade: finanças, tecnologia, ciência, planejamento econômico e outras concretudes de um mundo adulto e sem frescura.

Convém repensar essa hierarquia. Não para rebaixar as dignas atividades do parágrafo anterior, mas para revalorizar a linguagem sem a qual elas correm o risco de girar em falso num universo esvaçado de sentido.

Fabricar sentido é pedra, sempre foi, e num tempo de mudanças tão aceleradas fica mais desafiador. “As coisas para as quais encontramos palavras são as que já dominamos”, escreveu Nietzsche.

A frase aponta a liga de sucesso e fracasso em que é moldada a linguagem: com ela domamos o mundo chucro, mas este nunca

para de dar pinotes e exigir novas formulações.

Ninguém precisa de filosofia para perceber que o Brasil (eu ia dizer o mundo, mas sejamos modestos) chafurda num atoleiro de palavras disfuncionais. A impressão de que chegamos –ah, agora chegamos mesmo!– a um beco sem saída tem muito a ver com isso.

Nosso brejo semântico apinhado de vaquinhas amplia seu rebanho toda vez que um liberal é chamado de “fascista” e um populista de centro-esquerda, de “comunista”.

Ou quando os arautos do “golpe” tratam como denotativo esse uso figurado da palavra, enquanto a turma que suspira por “intervenção militar” evita chamar seu objeto de desejo pelo nome inescapável de golpe.

Nossa saúde cognitiva desce mais um degrau a cada negação cínica da evidência ululante, cada divergência de opinião tratada como falha moral, cada afago na cabeça do bandido pelo qual torcemos.

Não, neutralidade não existe:

a guerra simbólica nunca vai dar trégua. Mas sem um mínimo solo comum, pactuado, social, as palavras tombam como mariposas úmidas e até uma guerra simbólica decente é impossível. Vira zona.

A lendária “palavra justa” perseguida por Gustave Flaubert não é justa só por ser exata. É justa por fazer justiça também.

Reconstruir esse solo comum não vai ser mole, mas a velha sabedoria cristalizada nos provérbios pode ajudar. Quando a Bíblia diz, no Deuteronômio, que não se devem usar “dois pesos e duas medidas”, está perto do xis da questão.

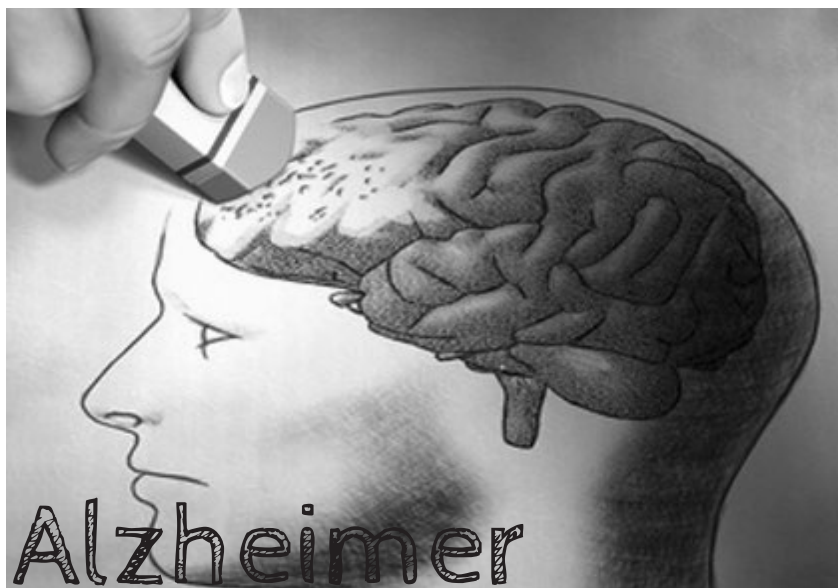
Anos atrás, começou a circular na internet a lenda de que a expressão correta é “um peso e duas medidas”. Como se as fontes históricas não existissem e a linguagem pudesse ser recriada na base do voluntarismo ignorante. Se não foi essa a origem de todo o problema, que lhe sirva ao menos de metáfora.

Sérgio Rodrigues é Jornalista e escritor, publicou “Viva a língua brasileira!” (Cia. das Letras), em 2016.

Transcrito da Folha de São Paulo

Mundo desigual...Já perguntei a Deus: Por que Ele não fazia alguma coisa para mudar isso. “Já fiz”, Ele respondeu: “Fiz você”





epidemia anunciada

Mario Eugenio Saturno

O Governo dos Estados Unidos da América está preocupado com a doença de Alzheimer. De acordo com o relatório anual da “Alzheimer’s Association”, divulgado dias atrás, neste ano, a cada 66 segundos, um americano irá desenvolver a doença. E, até 2050, esse número deverá dobrar, um doente a cada 33 segundos. E essa tendência deve ser repetida em todo o mundo. Em 2016, o “World Alzheimer’s Report” estimou que 47 milhões de pessoas em todo o mundo tinham demência.

Um novo relatório da “Alzheimer’s Disease International” traz o estudo de pesquisadores do King’s College London e da London School of Economics and Political

Science (LSE), que revela que a maioria das pessoas com demência ainda não recebeu um diagnóstico, e muito menos cuidados de saúde abrangentes e contínuos.

Noventa por cento das pessoas com demência estão em países de baixa e média renda. Metade das pessoas com demência em países de alta renda ainda não foi diagnosticada. E estima-se que o número de pessoas diagnosticadas deverá triplicar até 2050. E, o pior: enquanto que, nos últimos 15 anos, as mortes por doença cardíaca, o assassino número 1 dos americanos, diminuíram 14%, também as mortes por HIV diminuíram em 54%, as mortes por acidente vascular cerebral, em 21%, e as mortes por câncer de próstata, em 9%. Em suma, as mortes causa-

das pelas principais doenças estão diminuindo, exceto as mortes causadas pela doença de Alzheimer, que tiveram um aumento de 89%.

Aquelas doenças diminuíram graças a muitos investimentos em pesquisas, que produziram tratamentos ou mesmo a cura. O problema principal do Alzheimer é o financiamento. Há muitos estudos sobre a doença, especialmente estudos genéticos, mas não há fundos suficientes para criar tratamentos.

O custo para a sociedade é crescente. Em 2017, os custos totais para cuidar dos que vivem com doença de Alzheimer e outras demências atingiram US\$ 259 bilhões. Para os planos de saúde, o Alzheimer já consome um em cada cinco dólares do Medicare/Medicaid. Para a próxima década, estima-se que será um em cada três, ou seja, com esses custos, a doença de Alzheimer colapsará o Medicare/Medicaid.

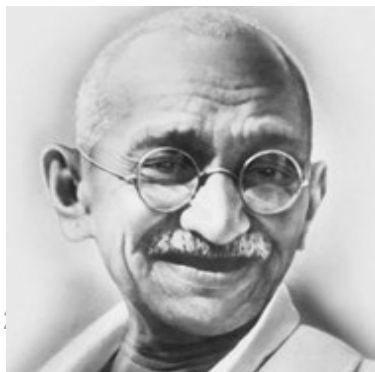
A doença ainda afetará a força de trabalho e a economia. Cada família afetada terá que cuidar

dos doentes em casa, além de se ausentar no trabalho para levar os doentes ao médico. E há ainda o custo oculto dos cuidados não remunerados. Em 2016, estima-se que haja 18,2 bilhões de horas de assistência não pagas, uma contribuição para a nação avaliada em US\$ 230 bilhões.

A doença de Alzheimer é uma epidemia, e o sistema de saúde não está preparado para apoiar os cuidadores. O custo da doença é uma realidade que logo afetará todos, dizem os especialistas. Muitos pensam que o Alzheimer não os afeta por não ser velho ou por não ter um doente na família, julgam não ser seu problema. Porém é certo que, se você tem cérebro, corre risco da doença. E, com expectativa de viver até os 85 anos, quase metade terá a doença, e a outra metade será cuidadora. Ninguém está imune.

*Mario Eugenio Saturno é Tecnologista
Sênior do Instituto Nacional de
Pesquisas Espaciais (Inpe)*

*Publicado em Tribuna de
Minas, de Juiz de fora.*



“Estou convencido das minhas próprias limitações - e esta convicção é minha força.”

Mahatma Gandhi

AVERSÃO DE CONSERVADORES À IDEIA DE CONSERVAR AMBIENTE NÃO FAZ SENTIDO

Reinaldo José Lopes*

Eis algo que me causa espécie (como dizia o povo do século 19 quando queria se referir a algo esquisito): a bizarra aversão de muitos dos que se consideram conservadores à ideia de conservação... ambiental.

Apresso-me a acrescentar que fui “contaminado” com esse estranhamento por um sujeito que muita gente gosta de malhar como arquiconservador: o biólogo americano Edward Osborne Wilson, 87. Erudito, dono de voz mansa e gentileza impecável, Wilson foi acusado de machista e racista apenas por defender que existe uma natureza humana de origem biológica, com certos componentes inatos. A esquerda americana, por muito tempo, adotou Wilson como seu espezinhado número 1.

Foi em um de seus livros mais líricos, chamado “O Futuro da Vida”, que o biólogo levantou essa incômoda lebre: conservadores não deveriam ser a favor da conservação, no mínimo por razões etimológicas?



Ao menos no Congresso brasileiro, não é o que parece. Temos uma safra particularmente conservadora de parlamentares – com destaque para os representantes do agronegócio, das igrejas evangélicas e dos órgãos de segurança pública –, e é difícil não perceber a movimentação desses setores em favor de projetos que fragilizam as reservas ambientais da Amazônia e os direitos de etnias indígenas sobre suas terras tradicionais, talvez os dois maiores pilares do combate ao desmatamento no país.

Pergunto: isso faz algum sentido do ponto de vista ideológico?

Façamos um exercício de excesso de boa vontade, esqueçamos por um minuto o fato de que a política no Brasil tem pouco de ideologia consistente e quase tudo da máxima “farinha pouca, meu pirão primeiro” e tentemos pensar no que o conservadorismo significa, ao menos historicamente.

Como movimento político, a postura conservadora nasceu da ideia de que as instituições e as ideias da nossa espécie se estabeleceram por meio de um processo histórico complexo e lento, no qual as coisas que funcionam e são consonantes com a natureza humana foram sendo mantidas. Um conservador, portanto, é o sujeito que teme propostas radicais de virar a sociedade e a própria natureza do ser humano de ponta-cabeça porque a chance de que esse tipo de maluquice (da perspectiva dele) dê certo é baixíssima.

Ora, não faria sentido que o nosso conservador hipotético adotasse mais ou menos a mesma atitude em relação a alterações no ambiente causadas pelo Homo sapiens? Afinal de contas, estamos falando de uma trama de interações ainda mais antiga e complexa do que a delicada malha das insti-

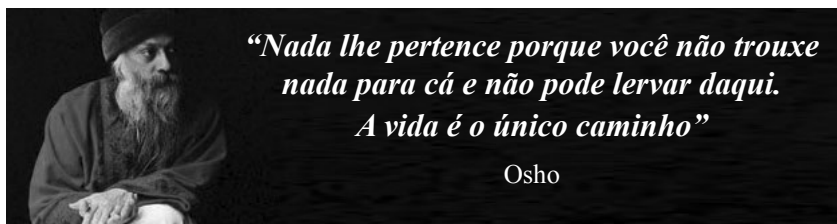
tuições ancestrais humanas.

O conservador responsável deveria pensar 500 mil vezes antes de se empolgar com a derubada da maior floresta tropical do planeta, cuja existência está diretamente atrelada à regulação climática de meio mundo - inclusive à da chuva que pode acabar deixando de cair na plantação de soja dele, ou dos netos dele (conservadores deveriam se preocupar com o futuro da família, ou não?).

Não me parece diferente o caso das culturas indígenas. Considerada a veneração conservadora por instituições herdadas do passado, é mesmo sábio achar que dá para substituir de uma hora para outra tradições que talvez tenham milhares de anos por um estilo de vida que caiu de paraquedas no meio delas? Conservadores têm orgulho de não se render à ditadura do curto prazo. Está na hora de essa atitude deixar de ser seletiva.

Reinaldo José Lopes é jornalista de ciência com graduação, mestrado e doutorado pela USP. É autor do blog “Darwin e Deus” e do livro “Os 11 Maiores Mistérios do Universo”.

Transcrito da Folha de São Paulo



“Nada lhe pertence porque você não trouxe nada para cá e não pode levar daqui. A vida é o único caminho”

Osho

19º ENA: HORA DE AVALIAR SEUS EFEITOS

“Esta pode parecer uma heresia, mas é a verdade maior: mais difícil do que amar a Deus é deixar-se amar por Ele”, disse o Papa Francisco, e assinalou que a maneira de retribuir tanto amor “é abrir o coração e deixar-se amar”, e assim, deixar que Deus se faça próximo de nós: “deixar que Ele se faça terno, que nos acaricie. É tão difícil deixar-nos amar por Ele. Talvez isso seja o que devemos pedir sempre.

No mês de julho faz um ano que aconteceu o 19º Encontro Nacional do MFC – ENA - na bela cidade de Maringá, onde fomos recebidos por um MFC acolhedor e hospitaleiro. Quando lá chegamos já encontramos toda a estrutura preparada pela equipe de infraestrutura, coordenado por Jael e Andréa. Acredito que todos têm boas recordações e lembranças de tudo que aconteceu no ENA, onde a família mefecista durante uma semana traçou os novos rumos do Movimento Familiar Cristão – MFC – do Brasil.



Relembrando, o 19º ENA aconteceu em Maringá/PR, de 16 a 22 de julho de 2016, com o tema: “A RESPONSABILIDADE MISSIONÁRIA DO MFC DIANTE DO FUTURO DA FAMÍLIA. COMO ESTAMOS E O QUE BUSCAMOS?” e o lema: “As mãos que ajudam são mais sagradas do que os lábios que rezam.” (Madre Teresa de Calcutá).

A metodologia adotada possibilitou que a comunidade mefecista do Brasil, em suas equipes bases, refletisse sobre os temas abaixo e enviasse suas contribuições sobre quais caminhos o MFC deveria tomar para assumir a responsabilidade missionária que nos foi confiada dentro das famílias por Jesus. Desta maneira, os participantes do ENA e todas as equipes bases do MFC participaram da construção das metas que o MFC traçaria para o triênio 2016-2019. Os temas discutidos nas reuniões das equipes bases de todo MFC foram:

- UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO MFC.
- MFC – UM MOVIMENTO DE MISSIONÁRIOS.
- O DESAFIO DE SER UM MISSIONÁRIO QUE DÁ TESTEMUNHO DO CRISTO VIVO.
- MFC - UM CAMINHO PESSOAL E COLETIVO DE COMUNHÃO COM DEUS.
- MFC - O DESAFIO MISSIONÁRIO DA OPÇÃO PELO OUTRO.
- A VOCAÇÃO DE JEREMIAS

Ressaltando, o que nos une como mefecista não é a idade, nem a raça, nem a língua, nem a política, nem a cultura, mas a vontade comum de viver no mundo de hoje como missionários. Cabe a nós sermos anunciadores do Evangelho de Jesus Cristo, doando nossas vidas, prestando serviço aos irmãos, sobretudo às famílias e aos pobres, realizando a vontade de Deus dentro da Família. Neste propósito foram apresentados pela equipe de metodologia quatro temas inspirados nas respostas da comunidade mefecista para reflexão dos participantes do 19º ENA.

1. OS PERIGOS DE UMA ESPIRITUALIDADE DESENCARNADA NO MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO (Pe. Manu – Assessor Nacional MFC).

2. O MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO E A ACOLHIDA (UMA REFLEXÃO SOBRE UM DOS MAIORES CARISMAS DESTE MOVIMENTO) - (Tiquinho – MFC Descalvado/SP).

3. MFC SOLIDÁRIO(Moisés – MFC Rondonópolis/MT).

4. O MFC QUE SE RENOVA - (Rubens – MFC Vitória da Conquista/BA).

Se cada um ler e reler a síntese gerada pelos debates e reflexões dos participantes do 19º ENA sobre os quatro temas propostos, descobrirá que nela estão os pilares para o trabalho do MFC que são:

- aglutinar as famílias em pequenas equipes - “Igreja Domestica”- por que esta seria a maneira de nos abrirem novas possibilidades de evangelização mútua;
- solidariedade concreta em todos os níveis;
- preparação dos jovens para a vida;
- superação da sociedade de consumo, com toda a gama de injustiça que acompanha.

Depois de recordar a preparação feita para a construção e vivência do 19º ENA, convido a todos para avaliarem, depois de um ano, os resultados positivos que podemos comemorar como ações resultantes das propostas sugeridas pelas comunidades do ENA.

É importante nos lembrar de resgatar as reflexões das comunidades porque elas nos mostram que ritos e celebrações são válidos quando estes demonstram: lutas partilhadas, esperanças coletivas, lembranças comuns e vivências profundas, que nos levam a uma maneira de combinar a vida litúrgica celebrativa com a realidade cotidiana: objetivos, projetos e valores tais como: fé, fraternidade, cidadania e justiça.

O MFC existe, mas isto não quer dizer que ele, por existir, cumpre a sua tarefa de acordo com o que é proposto no seu Estatuto. Para que isso ocorra é necessário que as famílias e pessoas que dele participam assumam a responsabilidade de viver sua Espiritualidade e seu Carisma anunciando a boa nova do Evangelho de Jesus Cristo.

Vamos todos dizer sim ao lema do 19º ENA “As mãos que ajudam são mais sagradas do que os lábios que rezam.”(Madre Teresa de Calcutá),celebrar a vida porque Cristo é o coração e inspiração da realidade cotidiana.

José Galdino e Marisa

Coordenadores da Equipe de Metodologia e Conteúdo 19º ENA

Forças ‘modernizadoras’ se deixaram seduzir pela oligarquia



Montagem com políticos citados por executivos da Odebrecht

Oscar Vilhena*

A democracia brasileira não sofreu nenhuma séria ameaça nessas últimas três décadas. Não foi desafiada por grupos terroristas e não houve nenhum tirano determinado a usurpar o poder.

Mesmo os militares, tradicionalmente dispostos a uma aventura autoritária, mantiveram-se leais ao jogo democrático. A decomposição do sistema representativo veio de dentro.

Foram as novas forças “modernizadoras”, seus partidos e governos, que se deixaram seduzir pelas velhas lideranças oligárquicas e patrimonialistas, assumindo uma relação sistêmica e promíscua com diversos setores de “vanguarda” de nossa economia.

Financiamento ilegal de campanhas, licitações fraudulentas, cartelização de fornecedores e prestadores de serviços públicos, “compra” de legislação, isenções fiscais e empréstimos com juros subsidiados, sem qualquer demonstração de ganhos sociais, tornaram-se o combustível de um acirrado, mas perverso, sistema de competição eleitoral.

A lista ecumênica de Fachin não trouxe grandes surpresas. Também não causará maior instabilidade. Grande parte do estrago já havia sido realizado. A sua extensão apenas confirma o estado de putrefação do sistema representativo.

A questão agora é como sair do atoleiro. Se o sistema de justiça tem se demonstrado surpreenden-

temente efetivo para desestabilizar uma prática política comprometida, pouco pode contribuir para a sua reforma.

Se estivéssemos em um sistema parlamentarista, haveria o recurso de se dissolver o Parlamento e chamar novas eleições. No regime presidencial, com mandatos pré-estabelecidos, é muito mais difícil sair da crise.

Caberá aos diversos setores da sociedade civil superar suas divisões e pressionar o Congresso para que ele não aprove medidas que venham a interromper o processo de depuração política iniciado pela Operação Lava Jato, como a anistia ou o voto por lista fechada.

O segundo desafio da sociedade é impor a aprovação de re-

formas incrementais, como o fim das coligações e alguma forma de cláusula de barreira, que racionalizem o sistema representativo e permitam uma melhora substantiva do parlamento na próxima eleição.

Ao Judiciário, além da tarefa de apurar com imparcialidade as distintas denúncias trazidas pelas delações, responsabilizando a cada um de acordo com seu grau de culpa, ou mesmo absolvendo os inocentes, cumprirá uma missão eventualmente ainda mais difícil, que é defender a nossa fragilizada democracia contra os ataques de um corpo político ferido e acuado.

** Oscar Vilhena formou-se em direito pela PUC-SP, é doutor pela USP e pós-doutor pela Universidade de Oxford.*

Transcrito da Folha de São Paulo

No tempo, existimos. Na eternidade, somos.

No tempo vivemos, mas sem tempo para rasgar a rede fantasma com que o próprio tempo nos limita e nos impede de ser Eternidade – o sem-tempo – que seremos, que fomos, e nunca deixamos de ser.

Hermógenes





O espírito inquieto deve acompanhar a juventude em sua caminhada. Jovens atuantes, com conteúdo crítico, diante das mais diversas formas de autoritarismo ideológico, político, religioso, cultural em que vivemos.

Uma juventude consciente de seu papel transformador. Que busque solidificar sua vida na união conjunta das forças. Jovens autênticos que anunciem um mundo justo, alimentado pelas utopias do pão partilhado.

Entretanto, o jovem autêntico sabe que não será nada fácil caminhar na corda bamba do caldeirão diário do mundo. Assim também como exigente será reagir com o olhar profundo diante das superfícies. Ousar o risco da existência autêntica na travessia do rio caudaloso. Ser mais. Estar a serviço do bem. Não temer a morte.

Jovens que lutam por uma causa não podem se contentar com

verdades prontas, inquestionáveis. Tudo precisa ser pensado com a criticidade que enxerga em perspectiva a parede de pedras que se apresenta em frente. O mundo precisa ser recriado pela visão autêntica da crítica e ser debatido em espaço de comunidade.

Os jovens questionadores são aqueles que se encontram em comunidade para pensarem soluções plausíveis para o mundo atual. Diante das inúmeras armadilhas, eles rompem com o silêncio submisso e amedrontado, não se contentando com a versão ideológica da mídia capitalista que vende a imagem de um mundo pronto, único, ideal do mercado materialista, consumista e individualista.

O medo diante dos desafios em nada contribui, pois não avança a jornada. Para superar essa barreira, a juventude precisa abastecer-se no alicerce do conhecimento filosófico. Ele amplia os horizontes,

pois busca os fundamentos da vida política. Abastecer a prática, para que ela se torne um dia “práxis”. Isso acontece com o olhar atento à leitura de textos críticos, de filmes com conteúdo filosófico e no engajamento político nos movimentos sociais, culturais e religiosos, que tenham o olhar conjunto – não dicotomizado - entre “leitura de texto e leitura de mundo” (ver Paulo Freire).

Um jovem autêntico não foge do debate político. Ele sabe que o crescimento na comunidade exige o confronto ideológico. Um grupo que tende para a unanimidade cai mais cedo ou mais tarde na inclinação para a uniformidade, condição indispensável para a ruína de qualquer grupo. Somente pela crítica amadurecemos. Quem não está preparado para o embate dialético dificilmente amadurece em grupo.

Com as diferenças e divergências ínsitas ao debate, o jovem amadurece, e compreende a importância da troca de experiências. Ele passa a questionar a si mesmo, enquanto agente de transformação social. Ele revê constantemente seu modo de ser e de pensar em grupo, tornando-se desse modo mais atento diante de seu protagonismo.

Não é possível mais aceitar receitas e convenções pelo simples fato de estarem aí. Uma norma não deve ser cumprida se ela impedir a permanência da liberdade dos sujeitos históricos em comunidade.

Uma lei injusta precisa ser desobedecida, como nos ensina Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr.

Assim cresce a liderança da juventude que questiona com argumentos sólidos, não por que acha que simplesmente deve ser de outro modo, mas por que compreende que há outras razões mais amplas e plausíveis para tanto. Ela sabe por isso que o mundo não está bom, mas que é preciso saber o porquê disso e como fazer para sair dessa condição dada.

Uma juventude questionadora é, portanto, uma porta que se abre para os movimentos sociais de base. Ela não se contenta com o mal, e por isso aponta para a liberdade, que não se sacia com o diagnóstico da maldade. Uma juventude que faz e refaz o seu protagonismo atuante no mundo não se contenta com as injustiças, proclamando novos tempos a partir de seu ardor profético no tempo de agora.

Uma voz que não se cala, pois questiona ao mundo e a si mesma a cada passo dado, a cada fracasso, a cada crescimento conjunto. Uma voz que não se alheia ao mundo, ao contrário, está presente no mundo, de dentro da realidade do mundo, sem fazer-se prisioneira dos ditames da morte e da escravidão mental. Uma juventude que clama e proclama o reinado da paz, fruto da justiça.

Jorge Leão é professor de Filosofia e membro do MFC-São Luiz(MA)

MISERICÓRDIA ET MISERA

(Carta Apostólica do Santo Padre Francisco) – Misericórdia e Paz

Considerações reflexivas:
Oscavo Homem de C. Campos

De acordo com a vontade do Papa Francisco expressa Carta Apostólica MISE-
RICÓRDIA ET MISERA (Misericórdia e Paz), somos chamados a promover a expansão de UMA CULTURA DE MISERICÓRDIA apoiada na redescoberta e no encontro com os outros: “- Uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos”.

As obras de misericórdia são construídas artesanalmente e tocam toda a vida de uma pessoa. A essência da misericórdia é o amor. Com base nele podemos criar uma verdadeira resolução cultural com gestos simples que podem alcançar o corpo e o espírito, ou seja A VIDA DAS PESSOAS.

A Cultura da Misericórdia é compromisso que a comunidade cristã pode assumir e que conduz

a saída da indiferença e do individualismo.

De acordo com a proposta de Papa Francisco, “a cultura da misericórdia forma-se na oração assídua, na abertura à ação a Espírito Santo, na familiaridade com a vida dos santos e na solidariedade concreta fará com os pobres”. É seu convite ao comprometimento fazendo da vida diária gesto da participação e partilha na parte de quem aceita não se esquecer dos pobres, conforme está evidente no evangelho.

O Papa Francisco recomenda: - “Não guardemos só para nós tufo o que recebemos. Saibamos partilhá-lo com os irmãos atribulados, para que sejam sustentados pela força da misericórdia do Pai.

Este é o tempo de misericórdia para todos e para cada um. As-

sim, quem ninguém possa pensar que é alheio à proximidade de Deus e à força de sua ternura. É o tempo dos que se sentem fracos e indefesos sintam no próximo a presença da solidariedade.

É o tempo da descoberta da cultura do amor onde prevalece o olhar respeitoso dos que superam as diferenças. É o esforço para que cada pessoa não se canse de pedir perdão ao Pai, que sempre acolhe e abraça.

À luz do Jubileu extraordinária da misericórdia necessário se faz celebrar, em toda a Igreja, o DIA MUNDIAL DOS POBRES, caminho natural para se refletir sobre como a pobreza está no âmago do evangelho, tomando-se a consciência de que alcançar a justiça e a paz social é a forma germina de nova evangelização.

- *Inspiração Bibliográfica:* -
MISERICÓRDIA ER MISERA (Carta
Apostólica) Papa Francisco

Cada família do MFC

1 assinatura! POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.

Assinatura anual: **R\$ 32,00**

UMA ASSINATURA DE



Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas

Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520

II Festival de Arte e Cultura do MFC do Brasil

Gratidão... Essa é a palavra que pode ilustrar o que foi o nosso II Festival de Arte e Cultura do MFC Brasil, que ocorreu na cidade de São João del Rei, no campus da Universidade Federal de São João del Rei, entre os dias 20 e 23 de julho de 2017. O tema gerador foi: “Mãe Terra: coração pulsando em nós”. A homenageada do festival foi a poetisa goiana Cora Coralina. A presença de sua bisneta, Luciane Tahan, na abertura do evento e durante todo o festival, foi um momento de muita emoção.

Houve também um tempo para formação, com trabalhos em comunidades, debatendo temas relacionados com o cuidado à Mãe Terra. Cada comunidade preparou material para ser apresentado no encerramento do festival, no domingo pela manhã.

As apresentações artísticas, de grupos locais e de grupos advindos de vários lugares do Brasil, apontam a continuidade de um processo de integração e intercâmbio cultural, já iniciado há dois anos, durante o I FAC, em Vitória da Conquista.

Na sexta-feira, no período da tarde, houve visitas nas casas de uma comunidade próxima ao local do encontro, onde foi levada uma muda de árvores para que a família visitada cuidasse da mesma, e conhecesse de mais perto a realização do evento da cidade. A iniciativa foi uma proposta da Coordenação Nacional do MFC, intitulada “Terra que abraça”.

No domingo pela manhã, foi realizada uma caminhada pela Paz, sendo socializados, como já assinalado, os trabalhos realizados nas comunidades durante a formação do II FAC. Em clima de confraternização e alegria, os participantes retornaram ao campus da Universidade Federal de São João del Rei para concluir os trabalhos, com a entrega de lembranças aos grupos participantes.

O II FAC ratifica, desse modo, a ideia de buscar de modo criativo e participativo, novos caminhos de integração da juventude

no MFC, e de todos os integrantes do Movimento, em suas diversas inserções culturais, bem como para o aprofundamento de nossa práxis vivenciada nas equipes-base.

Vamos seguindo, e que os próximos momentos de partilha sejam ainda mais enriquecedores!

Com ternura, amizade e amor repletos de gratidão.

Comissão Organizadora do 11 FAC.

A coordenação do Movimento Familiar Cristão de São João João Del Rei, agradece a oportunidade, e a confiança de sediar a segunda edição do Festival Nacional de Arte e Cultura do nosso movimento. É nesta ocasião, cumprimenta a coragem e visão da coordenação nacional de Jovens com o apoio da coordenação nacional que encontraram um novo caminho que sem dúvida levará o nosso movimento a grandes conquistas para o projeto e reino de Deus. Percebemos que a tendência de cada nova edição é de aumentar a qualidade a vibração o carinho o respeito o cuidado assim sendo dando novos contornos ao evento, O custo benefício sem dúvida é muito grande como entrada dos jovens dando vida com a experiência da turma mais antiga e reforçando os laços das regionais onde acontece o festival. São João del Rei com muita alegria prazer e gratidão agradece novamente a oportunidade de fazer parte desta história.

Pela Coordenação Gola e Lúcia.

UM EVENTO PARA RECORDAR....

Entusiasmo! Animação! Inspiração! Criatividade! Fraternidade! Alegria! Beleza! Esses adjetivos e muitos outros podemos atribuir ao 11 Festival de Arte e Cultura do MFC, em São João del Rei, acontecido de 20 a 23 de julho de 2017.

Lá se reuniram, além de pessoas que conservam a juventude no espírito, jovens de vários lugares do Brasil que, ao longo dos meses que antecederam o Festival, se inspiraram em CORA

CORALINA, poetisa que viveu em Goiás, tendo seu primeiro livro publicado aos 77 anos, dadas as dificuldades enfrentadas em princípios do século XX por sua condição de mulher, pelo ambiente da cidade do interior, pela falta de recursos, pelos preconceitos. Inspiraram-se, penetrando no cotidiano da mulher que, rompendo barreiras, cortando amarras de ideias já estabelecidas, soube construir e cultivar lugares de encontros fecundos com tudo que representasse a grandiosidade da vida, mesmo vivida com toda simplicidade, afazeres, labutas diárias, cuidado da família, dos amigos, dos necessitados, cuidado e amor ao seu “chão de terra” e tudo que dele brotava: flores, frutos, água. E em meio a esse cenário cotidiano pulsava a poetisa que, ampliando seu espaço físico, se eternizou em seus versos plenos de sensibilidade feminina.

Assim com o tema central sendo “CORA CORALINA: Mãe Terra, Coração Pulsante” vimos acontecer belos momentos de representações teatrais, danças, músicas, vídeos, demonstrando o prazer com que ele foi realizado, pois além do encontro com a figura humana de CORA o prazer foi aumentado pelo encontro com as pessoas que compartilharam de diversas maneiras seus trabalhos, dons e habilidades.

A propósito, sensibilizados ficamos com as imagens da filha e neta de Cora, agradecendo a homenagem prestada à mãe e avó e também, com grata surpresa, a presença de sua bisneta Lucienne, participando inteiramente do encontro com muita simpatia. A sua narrativa de fatos da vida de Cora Coralina evidenciou para todos a grande mulher que ela foi e justificou plenamente essa homenagem no 1º Festival de Arte e Cultura do MFC.

Além destas lembranças fica a esperança de que o festival tenha oportunizado a renovação e o crescimento do MFC, brotação gestada em meio desse espaço de arte e cultura, possibilitada e impulsionada pelo convívio carinhoso, feliz e cheio de entusiasmo.

Jesuliana, Marisa e Galdino - MFC-JF. Participantes do evento



PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL

NOTA DOS JESUÍTAS NA IIª ASSEMBLÉIA DA PROVÍNCIA DO BRASIL

“Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” (Am 5, 24).

Nós, mais de trezentos jesuítas do Brasil, reunidos em Assembleia Nacional de 25 a 27 de julho de 2017, para celebrar os três anos de caminhada da nova Província do Brasil, não podemos deixar de manifestar nossa preocupação e até nossa indignação diante da maneira como as classes dominantes conduzem as crises econômica, social e política que assolam o país e afetam a população brasileira, sobretudo os mais empobrecidos. A corrupção e a promiscuidade entre interesses públicos e privados nas esferas dos poderes instituídos escandalizam a maioria do povo brasileiro e tiram legitimidade aos poderes executivo e legislativo. Nem sempre o judiciário escapa de parcialidade.

A desigualdade socioeconômica, nestes últimos anos, agravou-se significativamente. Além dos 14 milhões de desempregados, pelo menos 10 milhões de trabalhadores ficam subempregados ou desistem de procurar trabalho. Muita gente, que tinha saído da miséria e da pobreza, está voltando à assistência social. O recrudescimento da desigualdade produz mais violência de todos os tipos na sociedade, contra a pessoa e a vida, contra as famílias, tráfico de drogas e outros negócios ilícitos, excessos no uso da força policial, corrupção, sonegação fiscal, malversação dos bens públicos, abuso do poder econômico e político, poder manipulador dos meios de comunicação social e crimes ambientais.

A idolatria do dinheiro, de acordo com o Papa Francisco, dá primazia ao mercado, tanto em detrimento da pessoa humana como em detrimento do trabalho (cf. *Evangelii Gaudium*, 53-57). Não é justo submeter o Estado ao mercado, em nome da retomada do

desenvolvimento. Quando é o mercado que governa, o Estado torna-se fraco e acaba submetido a uma perversa lógica do capital financeiro. Como nos adverte o Papa Francisco, “o dinheiro é para servir e não para governar” (Evangelii Gaudium 58).

No esforço de superação do grave momento atual são necessárias reformas, que se legitimam quando obedecem à lógica do diálogo com toda a sociedade, tendo em vista o bem comum. Por essa razão, as Reformas Trabalhista e da Previdência, como foram encaminhadas ao Congresso, carecem de legitimidade. Outras propostas em tramitação no Congresso, não poucas vezes por medidas provisórias, como a “liberação” do desmatamento, a “legalização” da grilagem de terras urbanas e rurais, a mercantilização de terras para corporações estrangeiras e a “outorga” das terras indígenas e quilombolas ao agronegócio, são afrontas à Constituição Federal que garante direitos e cidadania para todos. Os ajustes desse (des)governo para atender ao mercado, assim como o domínio do agronegócio, explicitado na CPI da Funai e do Incra, abrem espaço para mais violência e mortes no campo e nas cidades, como noticiado nestes últimos tempos. Os movimentos sociais e populares, como também instituições que lutam em prol das populações excluídas, estão sendo criminalizados e falsamente denunciados.

Essa situação interpela hoje a missão dos jesuítas no Brasil. Comprometemo-nos a manter nossa presença junto aos mais empobrecidos e excluídos, como também, pela análise das causas da persistente situação de desigualdade e de exploração desordenada da natureza, contribuir para a superação do abismo da desigualdade socioambiental, em solidariedade à esperança do povo. Sentimo-nos chamados a manter-nos fieis ao Evangelho, que nos impulsiona a reconhecer e a denunciar as injustiças estruturais e históricas, sobretudo a grande dívida social em relação aos mais fracos e vulneráveis. Na esperança teimosa em dias melhores queremos colaborar na construção de um Brasil justo.

Itaici, Indaiatuba/SP, 27 de julho de 2017.

Um desvio de percurso que ainda pode ser corrigido.



Porque as pessoas só procuram aprimorar suas competências e habilidades ou trabalhar o desenvolvimento humano quando estão desempregadas?

Há pouco passamos a dar importância às palavras como empregabilidade, desenvolvimento de carreira, empoderamento profissional, enquadramento e posicionamento de carreira.

A chamada “segurança” no mercado competitivo de trabalho não existe mais; as organizações buscam pessoas que possam contribuir com o potencial melhor que cada um tem, estas tem de estar alinhadas para somar (não se adequar) às necessidades e objetivos da organização que empunham sempre resultados melhores; a busca por resultados em menor tempo requer profissionais que tenham a capacidade de colocar o melhor de si a serviço (é natural, está em você, é a sua grande chave para o sucesso),

precisa ser despertado e potencializado. Em um outro texto escrevi “É meu, habita em mim e se doa sem que eu perceba, flui naturalmente. Quando eu sou eu, a transcendência é vivida, sentida e percebida por todos e é desse EU que as pessoas se apaixonam, amam e querem ter por perto..., esta talvez deva ser a sua grande busca.

Tenho assegurado que o momento melhor e mais produtivo das pessoas (profissionalmente) é vivenciando após os 25 anos (os mais precoces); 30 para um contingente normal, é nesta fase que elas estão prontas para dar o seu melhor e se firmar no mercado (maturidade pessoal), já sabem o que querem, tem uma boa formação (na forma mais ampla possível) e muita energia para enfrentar qualquer desafio. Neste momento os horizontes são largos e as possibilidades as melhores possíveis, e quando estão “no mercado” sentem-se extremamen-

te poderosos e buscam auto afirmar-se para os seus pares e possíveis concorrentes. Este talvez seja o melhor momento para fortalecer-se como pessoas e afirmar-se como profissional.

A carreira profissional não tem que obedecer a um ciclo (início – crescimento – estabilidade – fim), ele deve ser uma constante crescente tendo em vista que o acúmulo de experiências te torna cada vez melhor. O que muda então ao longo de uma carreira? Porque uns tem ascensão e outros não? Porque uns se destacam mais? Porque alguns chegam a um objetivo (comum) antes? Todas estas respostas podem estar contidas na forma como você enfrenta e reage às provocações e perspectivas do “mercado” e à pressão que o meio exerce sobre você. Alguns cuidados devem ser tomados, não existe fórmula milagrosa, cortar atalhos para ter respostas mais rápidas, tudo é um processo continuado de constante exercício do seu melhor. Me preocupam as promessas fáceis apresentadas pelo “mercado de formação profissional” e/ou de “aperfeiçoamento de carreira”, muitas delas não tem compromisso com o ser humano – veem neste um nicho para ganhar dinheiro, aprenderam a utilizar as mídias atacando o ponto fraco das pessoas, seduzindo-as.

Assim busquem apropriar-se da jornada aprimorando o seu ser pessoal, conseqüentemente o profissional terá destaque, não perca de vista o seu foco, não permita

que ele seja desviado, trabalhe duro para atingir seus objetivos e metas pessoais, busque amadurecer e potencializar as suas forças (são poucas e precisam de brilho), através delas que você será reconhecido como pessoa e profissional. A segurança que você precisa está em você ou no que você vai fazer conscientemente, tendo a capacidade de aplicá-la no seu dia a dia, tendo sempre as respostas e resultados superiores.

Aproveite o tempo que está “empregado” para investir em seu desenvolvimento pessoal e profissional, alimente-se e potencialize o melhor que habita em você, lembre-se que você tem uma força extraordinária que necessita ser trabalhada (não existe zona de conforto), lembre-se que as pessoas que chamam atenção no “mercado” têm luz própria e por isso conseguem iluminar e ter bons resultados (em qualquer ambiente) somados aos interesses das organizações. Não seja você um “aeroporto” que recebe milhares de pessoas todos os dias e continuam no mesmo lugar, seja pelo menos o piloto, permita-se viajar por caminhos novos todos os dias, enfrentando as turbulências e superando-as com autonomia, criatividade e liberdade.

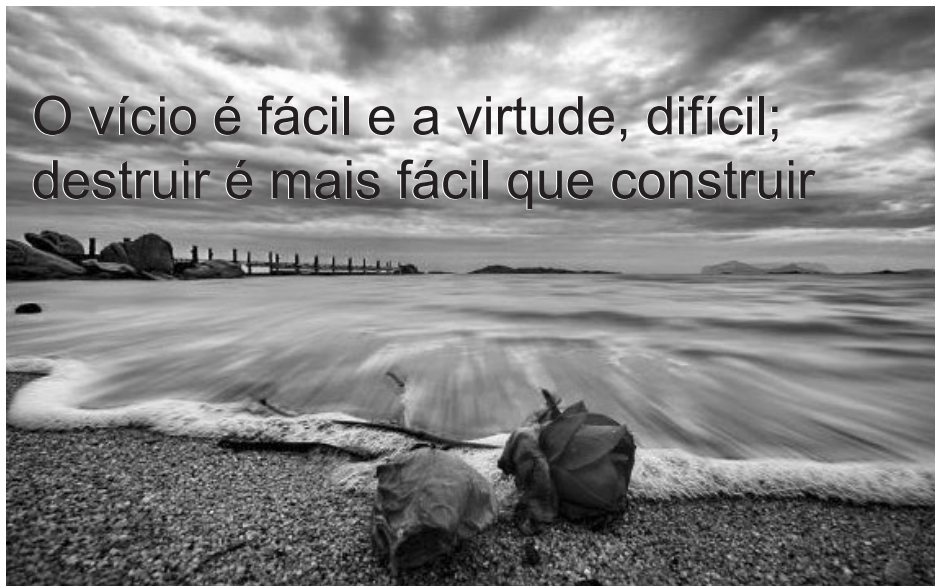
Desejo sucesso, desejo paz e prosperidade.

Rubens Carvalho

Coach ACS – Iom Coaching

Coordenador Nacional do MFC

O vício é fácil e a virtude, difícil; destruir é mais fácil que construir



Francisco Daudt*

Corrupção não é apenas roubo, suborno, propina, trapaça, compra e venda de autoridades, enfim, todo esse desfile de horrores a que temos assistido ultimamente. Corrupção também significa apodrecimento, deterioração, decadência, desagregação, aquilo que acontece com os cadáveres e com as casas que não recebem manutenção. Há um interessante documentário, “O Mundo Sem Ninguém” (“Life After People”), que mostra o que aconteceria ao planeta se os humanos desaparecessem de uma hora para outra: em poucas décadas as construções e outros vestígios de nossa passagem estariam corrompidos pela água e pelas plantas, seguindo a lei física da entropia que tudo conduz à geleia geral.

Da mesma maneira que acontece com a corrupção, o principal

significado de vício não é a adição a substâncias psicoativas, mas sim a tendência a praticar atos nocivos ou indecorosos. A tendência a corromper, a danificar, a destruir. A tendência ao mal. Em termos estéticos, o ato vicioso é deforme, decadente, feio, repugnante.

Por contraposição, a virtude é a conformidade com o bem, com a excelência moral ou de conduta, é dignidade, é construção, pois o ato virtuoso é edificante, estruturante. Em termos estéticos, o ato virtuoso é belo, admirável, inspirador.

Agora vem a pior parte: o vício é fácil e a virtude é difícil. A inércia é viciosa; a virtude é trabalhosa. Largados, enfeiamos, engordamos, amolecemos, deterioramos. E todos sabemos o investimento que significa estar em forma, cuidar-se. Destruir é infinitamente mais fácil que construir. Qualquer idiota quebra os vitrais de uma

catedral e a deixa emporcalhada com pichações em dois minutos, enquanto ela levou séculos de trabalho árduo, de inteligência e de arte aplicadas para ser erguida.

Não há dor maior do que a perda de um filho jovem por acidente ou crime: em um segundo esvanecem-se anos de dedicação, noites insones, amor, zelo, carinho, milhares de pequenos atos virtuosos que investimos naquele ser.

Ou seja, o vício sempre sai em vantagem sobre a virtude, pois ele conta com a tendência natural ao menor esforço, ao enriquecimento rápido, à euforia instantânea, ao imediatismo, ao princípio do prazer barato e raso.

É como se a virtude fosse sempre resultado de uma decisão consciente e de um empenho esforçado, enquanto o vício precisa de muito pouco para prosperar. Ele é como a gravidade no castigo de Sísifo: está sempre à espreita,

esperando o momento em que paramos de empurrar a pedra lá-deixa acima para entrar em ação.

E a virtude? Conta-se que um frade perguntou a dois pedreiros o que faziam durante a construção da Notre Dame de Paris. O primeiro disse que assentava uma fileira de tijolos. O segundo olhou em êxtase para o céu e respondeu: “Construo uma catedral!”

Para que a virtude prospere precisamos ser os dois pedreiros ao mesmo tempo: persistentes em nossos pequenos atos virtuosos de cada dia, assentando tijolo por tijolo, dente escovado e banho tomado, sabendo que amanhã tudo recomeça. E precisamos ter em mente a beleza de nossa catedral, a felicidade de nossos filhos, a integridade de nosso país.

Francisco Daudt é Psicanalista e médico, é autor de ‘Onde Foi Que Eu Acertei?’, entre outros livros
Transcrito da Folha de São Paulo

***“O amor dura mais que o tempo.
Ele faz com que o tempo pare.
Ele é a plenitude do tempo”***

Anselm Grun





Luis Manuel Fonseca Pires e Silvio Luís Ferreira da Rocha*

Há um século, democracia no Brasil significava permitir aos homens alfabetizados e com alguma renda o direito de votar.

Mulheres, analfabetos e quem não detivesse uma renda mínima estavam excluídos. Para a época, era o bastante para definir a democracia. No entanto, os signos sofrem mutações de sentidos ao longo do tempo – e foi o que ocorreu com este signo jurídico-político, “democracia”.

Mas o Estado brasileiro resiste. Ergue um muro entre si e a sociedade. Não quer abdicar da exclusividade de sua potência de dizer, sem ouvir e dialogar com sinceridade, os rumos da vida política.

Uma prerrogativa constituída na qual o Estado isola-se, mas o que anuncia continua a ser impe-

rativo ao povo, suposta fonte da soberania e origem do poder. Vez por outra o Estado faz de conta que ouve e reflete, mas o som que chega do outro lado do muro são sussurros inaudíveis.

Exemplo dessa dificuldade é o modo como trata os movimentos sociais que surgiram a partir de junho de 2013. Manifestações em espaços públicos são desafios que se apresentam e mostram a necessidade de compreender que não se pode mais continuar a desqualificar o cidadão.

No atual cenário, ele deixa de sê-lo para tornar-se, por pecha lançada pelo Estado, um “subversivo”, “invasor”, ou outros rótulos que escamoteiam, fragilmente, o deliberado propósito do Estado de continuar a reservar para si o privilégio de expor os únicos sentidos

possíveis de “participação democrática”. Uma captura da cidadania pelo direito e pela política.

Sociedades marcadas por fortes distinções sociais, como é o caso do Brasil, precisam expandir os significados legítimos da participação democrática para além das hipóteses textualmente apontadas na Constituição Federal.

A democracia frustra-se ao não alcançar latitudes que reconheçam à sociedade a possibilidade de fazer-se presente e ser (realmente) ouvida, não submetida a interpretações restritivas proclamadas pelo Estado.

Os Estados da América Latina, ao menos em sua maioria, não se submetem mais ao risco de se constituírem ditatorialmente por militares, agentes fardados, em explícita força bruta.

O totalitarismo que nos ronda, e devemos atentar a esse fato, é mais sutil, pois se elabora por discursos jurídicos e práticas políticas, atos oficiais pelos quais o Estado comete violências físicas e

psíquicas sob rótulos que declaram o seu contrário – ufoca-se a democracia ao argumento de que se quer preservá-la.

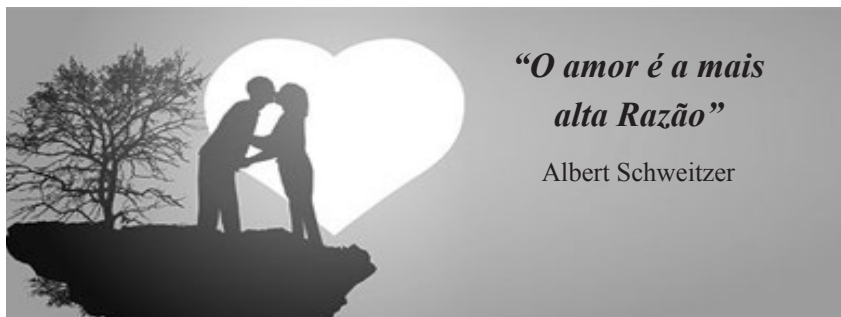
O Estado brasileiro adia a sua realização constitucional. Os potenciais semânticos do signo “democracia” reclamam espaço e respeito à participação popular.

É fundamental reconhecer o dever do Estado de efetivamente dialogar com a sociedade em seus diversos segmentos, dispor-se a compreender as suas expectativas que contribuem para densificar os sentidos dos direitos e os rumos das políticas públicas, condição à legitimidade do poder. Muito além, portanto, de votar, em silêncio e bem comportado, a cada quatro anos.

*LUIS MANUEL FONSECA PIRES,
professor de direito administrativo da
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, é juiz de direito em São Paulo*

*SILVIO LUÍS FERREIRA DA ROCHA,
professor de direito civil e
direito administrativo da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
é juiz federal em São Paulo*

Transcrito da Folha de São Paulo



***“O amor é a mais
alta Razão”***

Albert Schweitzer



OUTRA TRAGÉDIA A CAMINHO

Vanderlei Tomaz

A Fundação Estadual do Meio Ambiente de MG divulgou, recentemente, o Inventário de Barragens 2016. Das mais de 700 barragens existentes em solo mineiro, o relatório apontou que 14 delas não têm estabilidade garantida. Outras 23 ainda estão sendo avaliadas pelos auditores. Portanto inúmeras barragens no estado correm o risco de se romperem, a exemplo daquela que causou a tragédia de Mariana em 2015.

Aí eu pergunto: quando o Governo mineiro dará publicidade a estes lugares? Existe um plano de evacuação dos locais? Quando serão executados os projetos de recuperação dessas barragens? As sirenes de alerta e o sistema de aviso imediato à população a ser atingida têm sido testados? A Defesa Civil estadual e nosso Corpo

de Bombeiros estão preparados para uma ação de emergência nessas regiões, ainda que aconteça em dois ou mais lugares ao mesmo tempo? Os hospitais próximos darão conta dos atendimentos? Existirão abrigos nas imediações para todos os desalojados? Existe um plano de salvamento também para os animais desses lugares? Os vereadores e deputados, além dos órgãos de segurança e promotores públicos que atuam nessas cidades, conhecem algum plano de contingência a ser deflagrado tão logo aconteça a premeditada tragédia?

Mariana foi pega de surpresa. Acontecerão outros fatos surpreendentes em solo mineiro?

Algun diretor ou presidente dessas empresas responsáveis por essas barragens reside em alguma vila ou condomínio logo abaixo delas? No caminho da lama? Se

não moram, estariam dispostos a se mudarem para lá como forma de tranquilizar a população de que a barragem acima do povoado é segura?

Vejo que o assunto sobre a tragédia de Mariana que matou o Rio Doce já está esquecido. Passou o impacto da emoção. Voltará a ser lembrado quando outra barragem estourar. Se o que aconteceu naquela tarde em Mariana tivesse ocorrido à noite, hoje teríamos ali centenas de corpos enterrados pela lama tóxica da Samarco/BHP/Vale.

Visite o Google Maps e faça uma viagem aérea pelas margens da BR-040 a partir de Conselheiro Lafaiete. Siga em direção a Congonhas, Nova Lima e tome o caminho para Ouro Branco e Ouro Preto. Veja o tamanho dos reservatórios que existem nas regi-

ões Central e Vale do Aço de MG. Chegam a ser maiores que os centros de cidades. Verdadeiras bombas-relógio.

Os mineiros não merecem viver outra tragédia como a de Mariana. Ninguém merece. Aconteceu em Juiz de Fora em 1982 (com a barragem de rejeitos químicos da antiga Paraibuna de Metais), em Itabirito aconteceu três vezes, também em Cataguases, Nova Lima e Mirai.

Qual será a próxima cidade? Dentro de algumas semanas ou meses saberemos.

Que Deus nos livre! Porque os homens já não se importam em nos dar livramento.

Vanderlei Tomaz é Historiador, ambientalista, ex-vereador

Publicado em Tribuna de Minas



***“O maior está encerrado dentro do menor.
O maior é um universo perfeito.
O menor é a semente que o contém.”***

O escriba do Tao

PACIÊNCIA COMO VIRTUDE



Ivan Bilheiro

Não é curioso que nós usemos a mesma palavra, “paciente”, para aquelas pessoas que demonstram, no cotidiano, ter o que chamamos usualmente de paciência e, também, para aqueles indivíduos que se encontram sob cuidados médicos? O que haveria de comum entre esses dois “pacientes”? Afinal, o que é a paciência? Vamos pensar sobre isso.

Etimologicamente, os dois usos derivam da mesma raiz latina, “patientia”, que significa a capacidade de passar por atribulações, por sofrimentos, com resignação e com resistência. Em termos comuns, “aguentar o tranco”.

Com essa informação, já é possível perceber a ligação: tanto aquele detentor da paciência na vida cotidiana quanto aquele que está sob cuidados médicos encontram algumas dificuldades, algum sofrimento e persistem, aguentam...

A situação em que se encontra o paciente {seja ele o da vida cotidiana ou o do tratamento médico) é algo que escapa ao seu campo de atuação: depende da ação de outros ou de circunstâncias alheias à sua vontade. Por isso, é preciso aguentar, exercer a paciência. Seriam os dois, então, detentores da virtude da paciência? A conclusão não pode ser tão apressada. Talvez seja necessário propor uma diferenciação.

Todos nós encontramos dificuldades e sofrimentos ao longo da vida. As atribulações cotidianas nos testam constantemente. Se resistimos, estamos no exercício da paciência. Mas essa ainda não seria a virtude da paciência. Seria algo que poderíamos chamar, a princípio, de “paciência de fato”: uma expressão que indica que o sofrer (pati, em latim) é da facticidade, é da vida e é inescapável. Por exemplo: quando precisamos de algum serviço e, para acessá-lo, encontramos uma fila,

temos que aguentar essa espera. É fato. Todos os enfileirados estão no exercício da paciência, mas da paciência de fato.

O modo como lidamos com as atribuições demonstra a virtude - afinal de contas, virtude é algo que se revela no exercício. Há aqueles que vão se impacientar com a fila, demonstrando irritação, inconformidade. Outros, compreendendo a situação, se conformarão com a inevitável atribuição, sabendo que é necessária para o fim desejado.

A paciência como virtude, assim, é algo diferente daquela de fato. Trata-se da capacidade de compreender a circunstância, considerando os meios necessários e os fins almejados, e se conformar, isto é, aguentar pacientemente a situação. A paciência como virtude é, outrossim, uma lição de humildade: a percepção de que as situações escapam ao nosso controle, de que somos pequenos... O impaciente, ao contrário, não aceita e sofre com a inconformidade: não se encaixa naquele lócus, mas ali permanece ou dali sai em prejuízo do fim almejado. No caso da pessoa que está sob cuidados médicos, é a assistência dada por outras pessoas que permitirá que o paciente se cure. Não saber esperar a cura, o resultado do tratamento, não o antecipa em nada. Só gera angústia.

No final das contas, retomando o outro exemplo, a fila é a mesma para ambos: para o que a entende e se conforma e para o que se irrita e se incomoda. Ambos passam pela situação, por isso são pacientes de fato. Mas só aquele que mostra a capacidade de compreensão dos acontecimentos, sope-sando, humildemente, necessidades e objetivos, é quem exercita a paciência como virtude: o resistir conformado e compreensivo

A virtude da paciência, então, tem seu benefício diretamente ligado ao bem-estar da própria pessoa quando nela se exercita. Todos passamos por sofrimentos, mas entender as situações, quando são necessárias, nos torna resilientes. O indivíduo desprovido dessa virtude sofre em escala maior: não compreendendo a situação, irrita-se, perde a calma... Mas seu desconforto não altera a realidade, que não depende exclusivamente de sua vontade. Se nem tudo está ao nosso alcance, o que fazer? Paciência...

Ser humilde diante do mundo, respeitar os próprios limites, não gerar sofrimentos desnecessários, mas entender os necessários... Tudo isso decorre do exercício dessa virtude, a paciência. Fazer o bem a si mesmo para, então, tornar-se apto à benevolência para com os outros. Este é um caminho verdadeiramente virtuoso.

Transcrito da Tribuna de Minas

POR QUE ESTUDAR TEORIAS?

Flavio Trentin

Estava eu, em uma das minhas aulas, quando fui surpreendido com a seguinte pergunta de uma aluna do curso de bacharel em Ciências Contábeis: “Professor, por que temos que estudar tanta teoria, acontecimentos dos séculos 17, 18, 19 e 20 na faculdade? Não seria melhor ir direto à prática, abordando assuntos do nosso dia a dia?”. Antes da minha resposta, vamos explorar mais sobre este assunto.

Está cada vez mais explícita para muitos brasileiros, e principalmente aos estudantes do ensino superior, a falta de interesse por um mergulho profundo no mundo das ideias, e isso reflete tanto no cotidiano acadêmico como na vida profissional do trabalhador. É fácil notar a quantidade de profissionais no mercado de trabalho produzindo cada vez menos. O preguiçoso estudante de hoje é o péssimo profissional de amanhã.

Diante dessa circunstância, pergunto eu: o que seria dos estudantes ou profissionais formados e bacharelados na área de humanas, exatas ou principalmente em saúde sem os conceitos teóricos e científicos estudados e publicados no passado? Consegue imaginar um trabalho de conclusão de curso ou livro de pesquisa sem referência bibliográfica? De fato, um estudante sem teoria é como piscina sem água ou avião sem asa. Não faz sentido algum.

Galileu Galilei, filósofo italiano, é reconhecido até hoje como pai da ciência moderna. Isso se deve ao fato de ele fazer experiências para tentar comprovar suas teorias.

Boas teorias permitem tanto ao estudante quanto ao profissional compreender melhor a forma de executar as tarefas ou simplesmente na tomada de decisão. É como usar óculos para corrigir a visão das coisas. Aliás, presumo que seja falsa a ideia segundo a qual teoria e prática pertencem a dimensões diferentes. A teoria e prática estão num plano horizontal, portanto se equivalem em importância, além de se afetarem mutuamente.

Podemos citar grandes pensadores que hoje são referências e base de estudo nos cursos das universidades e faculdades; por exemplo, no mundo da psicologia, como não falar de Sigmund Freud? Quando jovem, os escritos de Goethe e as teorias de Charles Darwin o inspiraram a estudar e de-

envolver ideias como a teoria que procurava descrever a etiologia dos transtornos mentais, também o desenvolvimento do homem e de sua personalidade, além de explicar a motivação humana.

Não podemos nos esquecer de Alberto Santos Dumont, sempre lembrado nos cursos de engenharia, que utilizou, dentre tantas, as teorias de Thomas Edison. O que seriam desses homens sem um alicerce teórico? Será que eles teriam o mesmo sucesso sem estas influências?

Boas ideias nascem do plantio das teorias estudadas. Pessoas de diferentes áreas da sociedade, sem estes conhecimentos especulativos e sintéticos, comprovados e aprovados pela ciência, têm prazo de validade no mercado de trabalho, pois suas ideias, suas opiniões, seus projetos, seus diagnósticos são completamente rasos, não causam efeitos e vivem na perpétua mediocridade.

Ah, sobre a pergunta da aluna no primeiro parágrafo, respondi com todo o cuidado do mundo que o papel da universidade ou

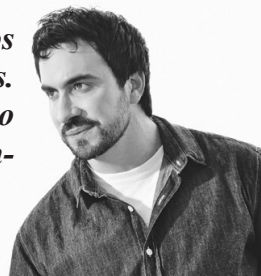
da faculdade, além de oferecer um conteúdo mais atualizado possível, é preparar o aluno para o mercado de trabalho, demonstrando com teorias e práticas. Mostrei que todo profissional bacharelado em qualquer curso de ciência que ele escolheu como profissão é contratado para raciocinar, pensar antes mesmo de executar qualquer serviço prestado. Aquecer e alongar antes de começar a correr ou praticar um exercício físico é fator determinante para não se obter uma lesão, e isso foi assunto de muito estudo teórico, há décadas, nos cursos de educação física para se chegar a esta conclusão.

Estudantes, portanto, desfrutem das teorias para que não se frustrem na vida profissional. Agora, você, profissional: volte a ter o prazer de se alimentar com estudos científicos para, enfim, ter mais coragem nos desafios da vida pessoal e profissional.

*Flavio Trentin é Bacharel em administração de empresas e professor na área de humanas
Publicado em Tribuna de Minas.*

“O que nos encanta no outro é o que ele nos conseguiu fazer enxergar em nós mesmos. Egoísmo? Não. Apenas o primeiro pilar do conceito de pessoa alcançando uma profundidade ainda maior dentro de nós.”

Fábio de Melo





Reforma da Previdência e as desigualdades

Katia Maia E Oded Grajew

Dos vários desafios pelos quais passa o Brasil, a necessidade de promover uma reforma da Previdência está sobre a mesa. Mas reformar para quê? Para beneficiar quem? Quais objetivos e valores devem nortear esse processo?

O Brasil é um dos países com maior índice de desigualdade no mundo. Quase dois terços dos brasileiros têm renda mensal média inferior a dois salários mínimos e cerca de 45 milhões de pessoas recebem apenas um salário. Por outro lado, 5% da população se apropria de metade de toda a renda nacional. Apenas seis pessoas possuem riqueza equivalente à dos 50% mais pobres.

No nível local, o Mapa da Desigualdade da capital paulistana, elaborado pela Rede Nossa São Paulo, torna visível a situação.

O município é dividido em 96 distritos, com uma população média de 120 mil habitantes em cada um deles. A idade média no distrito de Pinheiros é de 79,67 anos, enquanto em Cidade Tiradentes é de 53,85. Uma diferença de 25 anos na mesma cidade! Mais de 4 milhões de pessoas que vivem em 36 distritos da cidade têm uma idade média menor de 65 anos ao morrer.

É claro que vários elementos contribuem para uma idade média baixa, como a violência urbana, a mortalidade infantil e o falho sistema de saúde. Desse modo, como podemos estabelecer uma idade mínima de 65 anos para aposentadoria se a maioria da população em situação de pobreza não terá a mínima chance de chegar até lá?

Pessoas pobres, por razões óbvias, começam a trabalhar mais cedo. Nesse novo sistema, teriam que contribuir por mais tempo

que as pessoas mais ricas. Muitas não conseguirão se aposentar. Ainda que o país esteja passando por uma recessão severa, as soluções não podem estar centradas em medidas que recaiam sobre os que mais sofrem com as desigualdades do nosso país.

Vivemos uma das maiores crises políticas da nossa história recente. Nesse contexto, a proposta de uma reforma da Previdência, ainda que seja um tema importante a ser enfrentado, é inoportuna tanto pela ausência de participação adequada da sociedade quanto pela falta de legitimidade da política brasileira.

A proposta do governo permanece excessivamente pesada para os trabalhadores de baixa renda e desconsidera a desigualdade na própria contribuição previdenciária. Segundo Marcelo Medeiros, do Ipea, o 1% mais rico dos aposentados fica com a mesma fatia dos gastos da seguridade social

que os 50% mais pobres -situação que se agravará se a mudança for aprovada.

Hoje não há mais ambiente político apropriado para tal debate. Segundo o Datafolha, 71% dos brasileiros são contra a reforma. Tamanha resistência deveria servir de freio ao governo e ao Congresso.

Foram conquistados, desde a Constituição de 1988, direitos e políticas que possibilitam o combate à pobreza e às desigualdades.

Neste momento, é fundamental que essa quase esquecida agenda seja priorizada, nortear-do as políticas de retomada da economia.

Katia Maia, socióloga, é diretora-executiva da Oxfam Brasil

Oded Grajew é presidente do Conselho Deliberativo da Oxfam Brasil e presidente emérito do Instituto Ethos. É idealizador do Fórum Social Mundial

Transcrito da Folha de São Paulo

“O que se faz um dia é semente de felicidade para o dia seguinte”

Provérbio Indiano





Tíbios e sibilinos

Ricardo Antunes*

Os tíbios gostam da conciliação. Oscilantes e maneirados, sua pragmática política os aproxima da convivência com pessoas em que viceja a leniência. Alcinhas, bedéis, mulas e outros tantos (pouco) bacharéis são parceiros constantes.

Os sibilinos, quando magnatas das finanças, capitães de indústrias ou senhores do agronegócio, sonham com o mundo da produção onde os assalariados têm que se exaurir para se reproduzir. Beneficiam-se tanto dos impostos que são cobrados quanto dos que são isentados. Um duplo ganho estranho.

Os tíbios frequentam o pântano e se encantam quando conhecem grandes líderes, aqueles que sonham conciliar os deuses e os diabos na terra do sal. Pendulam e avançam pelas sombras. São concordes e raramente discordes. A alma e a verve não lhes frequentam.

Os sibilinos, nas épocas de bonança, curvam-se também aos encantos dos grandes líderes. Com os tíbios, apressam-se em formar a “base de apoio” dos governos “acima das classes”, para além do bem e do mal.

Por vezes abandonam o comando direto de suas proprieda-

des e tornam-se candidatos por partidos de centro, de direita, trabalhistas e até “socialistas”. A desfaçatez se torna geral. Tal qual um lampedusa fabril, financeira ou agropastoril, tudo vale para nada mudar e muito lucrar.

Quando vem a crise, os túbios e os sibilinos se aguçam e confabulam. Os primeiros surfam pelas bordas e bordam pelas margens. Juntos, eles maquinam muito, impulsionados por inúmeros outros que antes faziam parte da corte eclética que baulava os grandes líderes.

Os sibilinos vivem na dubiedade entre saques sociais e estatais, estes últimos oriundos de tantas benesses de um Estado tão generoso para os de cima. Nem mais um imposto, desde que os seus impostos se mantenham para garantir o circo, sempre às custas do labor alheio.

Em nosso zoológico político, além do ornitorrinco criado pelo grande Chico de Oliveira, é emblemática a figura do pato. Talvez seja um caso raro de patossibilinus.

Túbios e sibilinos participam de indizíveis negociações, respaldados pelo atoleiro parlamentar, descompasso institucional e crise judicial onde o Supremo se apequena. Tudo impulsionado pelas irritações das chamadas “classes proprietárias” e das camadas mé-

dias conservadoras que ficam muito amedrontadas, além de uma mídia desmedida.

Assim, chega-se ao topo do poder sem eleição, com governos “terceirizados”, eivados de ilegalidades e catapultados para efetivar a demolição social.

Com mãos de tesoura, lépidas e pululantes, os túbios são sempre destros, afiados em seu lado direito. Destruir a Previdência pública, derrogar a CLT, desmilinguir ainda mais a educação e a saúde dos pobres, cortar o pecúlio dos velhinhos -esses são seus hobbies prediletos.

Já os sibilinos são ambidestros. Querem sempre a redução dos impostos para as finanças, a indústria e o agronegócio e vivem a exigir concessões do Estado todo privatizado. E militam diuturnamente pelo desmonte cabal de todo direito social.

Os túbios gostam de pedir dinheiro para os sibilinos ricos, em suas campanhas eleitorais. Assim, muitos burlam e todos ganham. Agora agem abertamente para estancar de vez a ação judicial. Findo o Carnaval, está em curso a Operação Tibilinos.

Ricardo Antunes é professor titular de sociologia do trabalho na Unicamp. Escreveu, entre outros, o livro “Os Sentidos do Trabalho” (ed. Bomtempo)

Transcrito da Folha de São Paulo

A “DEMOCRACIA” DOS SEM-VERGONHA



Leonardo Boff *

É difícil ficar calado após ter assistido à funesta e desavergonhada sessão da Câmara dos Deputados que votou contra a admissibilidade de um processo pelo STF contra o Presidente Temer por crime de corrupção passiva.

O que a sessão mostrou foi a real natureza de nossa democracia que se nega a si mesma. Se a medirmos pelos predicados mínimos de toda a democracia que é o respeito à soberania popular, a observância dos direitos fundamentais do cidadão, a busca de uma equidade mínima na sociedade e o incentivo à participação, o bem comum, além de uma ética pública reconhecível, então ela aparece como uma farsa e como uma

negação de si mesma.

Nem sequer é uma democracia de baixíssima intensidade. Ela se revelou, desta vez, com nobres exceções, como um covil de denunciados por crimes, de corruptos e de ladrões de beira de estrada, assaltando os pobres níqueis dos cidadãos.

Como iriam votar a favor da admissibilidade de um julgamento de um Presidente pelo Supremo Tribunal Federal se cerca de 40% de atuais deputados respondem a vários tipos de processos na Corte Suprema? Vigora sempre um conluio secreto entre os criminosos ou acusados como tais, no estilo das “famílias” da máfia.

Nunca em minha já longa e

cansada existência ouvi que algum candidato para financiar sua campanha vendeu seu sítio ou se desfez de algum bem, mas sempre recorreu a empresários e a outros endinheirados, para financiar sua milionária eleição. O caixa 2 se naturalizou e as propinas fabulosas foram crescendo de campanha em campanha na medida em que aumentavam as trocas de benefícios.

Desta vez, o palácio do Planalto se transformou no covil-mor do grande Ali-Babá que a céu aberto distribuía benesses, prometia subsídios aos milhões ou mesmo oferecia outros benefícios para comprar votos a seu favor. Só esse fato mereceria uma investigação de corrupção aberta e escandalosa aos olhos dos que guardam um mínimo de ética e de decência, especialmente de gente do povo que ficou profundamente estarecida e envergonhada.

Efetivamente nenhum brasileiro merecia tamanha humilhação a ponto de tantos sentirem vergonha de ser brasileiros.

Os parlamentares, incluídos os senadores, representam antes os interesses corporativos dos que financiaram suas campanhas do que os cidadãos que os elegeram.

Já temos tido a distância temporal suficiente para podermos perceber com clareza o sentido do golpe parlamentar dado com a

cumplicidade de parte do judiciário e do massivo apoio da mídia empresarial: desmontar os avanços sociais em favor da população mais pobre que sempre foi, desde a Colônia, no dizer do maior historiador mulato Capistrano de Abreu, “castrada e recastrada, sangrada e dessangrada”. E também alinhar o Brasil à lógica imperial dos USA no lugar de uma política externa “ativa e ativa”.

As classes oligárquicas (Jessé Souza, ex-presidente exonerado do IPEA pelo atual Presidente) nos dá o número exato: 71.440 de supermilionários, cuja renda mensal, geralmente pela financeirização da economia, alcança 600 mil reais por mês, nunca aceitarem que alguém vindo do andar de baixo e representante dos sobreviventes da histórica tribulação dos filhos e filhas da pobreza, chegasse a ocupar o centro do poder. Ficaram assustadas com a presença deles nos aeroportos e nos shoppings centers, lugares de sua exclusividade. Deviam ser devolvidos ao lugar de onde nunca deveriam ter saído: a periferia e a favela. Não apenas os querem distantes de seus espaços. Vão mais longe: os odeiam, os humilham e difundem este desumano sentimento por todos os meios. Não é povo que odeia, confirma-o Jessé Souza, mas esses endinheirados que os exploram e com tristeza e por obrigação legal lhes pagam

os miseráveis salários. Por que pagar, sem sempre trabalharam de graça como antigamente?

Historiadores do nível de José Honório Rodrigues, entre outros, têm mostrado que sempre que os descendentes e atualizadores da Casa Grande percebem que políticas sociais transformadoras das condições de vida dos pobres e marginalizados, dão um golpe de estado por medo de perderem o nível escandaloso de sua acumulação, considerada uma das mais altas do mundo. Não defendem direitos para to-

dos, mas privilégios de alguns, quer dizer, deles. O atual golpe obedece à mesma lógica.

Há muito desalento e tristeza no país. Mas este padecimento não será em vão. É uma noite que nos vai trazer uma aurora de esperança de que vamos ultrapassar essa crise rumo a uma sociedade, no dizer de Paulo Freire, “menos malvada” e onde “não seja tão difícil o amor”.

Leonardo Boff é articulista do JB online e escreveu A Grande Transformação, Vozes 2015.

O RELÓGIO PERDIDO DO FAZENDEIRO

Um fazendeiro descobriu que tinha perdido o relógio no celeiro. Era uma peça antiga e muito valiosa, de grande valor sentimental. Após extensa procura, em vão, ele recorreu à ajuda de um grupo de crianças e prometeu uma boa recompensa para quem encontrasse o seu relógio.

Quando o fazendeiro estava prestes a desistir, um menino lhe pediu uma chance para tentar, já que todos os outros não conseguiram encontrar. Por que não? Seria só uma tentativa a mais. Então, o fazendeiro autorizou o menino a entrar no celeiro. Depois de um tempo, o menino saiu com o relógio em sua mão. Todos ficaram espantados!!!

Daí, perguntaram como ele conseguiu encontrar. O menino respondeu: “Eu não fiz nada a não ser ficar sentado no chão, escutando. No silêncio, escutei o tique-taque do relógio e apenas olhei para a direção certa.”

Uma mente em paz pode pensar melhor do que uma mente confusa. Dê alguns minutos de silêncio à sua mente todos os dias, pois assim, você ouvirá a voz de Deus que te conduzirá na direção certa, lhe ajudando sempre a definir sua vida.



Ano do Laicato

Equipe Igreja em Marcha

Grupo de leigos católicos

A Igreja no Brasil vai celebrar, no período de 26 de novembro de 2017, Solenidade de Cristo Rei, a 25 de novembro de 2018, o “Ano do Laicato”. Na segunda reunião ordinária do Conselho Permanente deste ano, realizada de 20 a 22 de junho, foi apresentado o projeto preparado pela Comissão Episcopal Especial para o Ano do Laicato, e em breve as Dioceses e Prelazias receberão as orientações metodológicas de como se preparar e celebrar em suas comunidades.

“Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino” e o lema: “Sal da Terra e Luz do Mundo”, Mt 5,13-14 é

o tema escolhido para animar a mística do Ano do Laicato. Para dom Severino Clasen, presidente da Comissão Episcopal Especial para o Ano do Laicato, bispo de Caçador (SC), pretende-se trabalhar a mística do apaixonamento e seguimento a Jesus Cristo. “Isto leva o cristão leigo a tornar-se, de fato, um missionário na família e no trabalho, onde estiver vivendo.” A presidente do Conselho Nacional do Laicato no Brasil e integrante da comissão, Marilza Lopes Schuina, afirmou que as dioceses receberão uma proposta a partir da qual, recomenda-se, tenham toda a liberdade para usar a criatividade ao planejar e vivenciar as ações locais.

O Ano do Laicato terá como objetivo geral: “Como Igreja, Povo de Deus, celebrar a presença e a



organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil; aprofundar a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão; e testemunhar Jesus Cristo e seu Reino na sociedade". Pretende ainda: "Dinamizar o estudo e a prática do documento 105: 'Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade' e demais documentos do Magistério, em especial do Papa Francisco, sobre o Laicato; e estimular a presença e a atuação dos cristãos leigos e leigas, 'verdadeiros sujeitos eclesiais' (DAP, n. 497a), como 'sal, luz e fermento' na Igreja e na sociedade".

A Comissão Episcopal Especial para o Ano do Laicato organizou as atividades em quatro eixos:

1) Eventos; 2) Comunicação, catequese e celebração; 3) Seminários temáticos nos Regionais; e 4) Publicações.

O presidente da comissão, dom Severino, espera que este ano traga um legado para a Igreja missionária autêntica, com maior entusiasmo dos cristãos leigos e leigas na vida eclesial e também na busca da transformação da sociedade. "Eu acredito que, se conseguirmos estimular a participação e presença efetiva dos cristãos leigos na sociedade, provocando que aconteçam a justiça e a paz, será um grande legado", disse o bispo.

Publicado em Tribuna de Minas.

Besteirol

Como se escreve zero em algarismos romanos?

Por que os Flinstones comemoravam o Natal se eles viviam numa época antes de Cristo?

Por que os filmes de batalhas espaciais tem explosões tão barulhentas, se o som não se propaga no vácuo?

Se depois do banho estamos limpos, por que lavamos a toalha?

Como é que a gente sabe que a carne de chester é de chester se nunca ninguém viu um chester? Você já viu um chester??

Por que quando aparece no computador a frase "Teclado não instalado", o fabricante pede para apertar qualquer tecla?



O poema abaixo é atribuído a Baruch Espinoza - nascido em 1632 em Amsterdã, falecido em Haia em 21 de fevereiro de 1677, um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da chamada Filosofia Moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz. Era de família judaica portuguesa e é considerado o fundador do criticismo bíblico moderno. Há controvérsias se essas palavras deveras vieram dele, porém refletem a forma como ele via DEUS na harmonia da natureza vi-vente, bem como seu pensamento inquisitivo em relação à Bíblia, que, segundo nos ensina INRI CRISTO, é um livro de letras mortas, repleta de fábulas, lendas, parábolas, metáforas e até charadas, e só o homem inspirado por DEUS pode compreendê-la sem enveredar pela senda do fundamentalismo religioso. DEUS é inefável, indefinível, intraduzível, porém se manifesta peremptoriamente na vida pulsante do Universo.

DEUS SEGUNDO SPINOZA

“Pára de ficar rezando e batendo o peito! O que eu quero que faças é que saias pelo mundo e desfrutes de tua vida. Eu quero que gozes, cantes, te divirtas e que desfrutes de tudo o que Eu fiz para ti.

Pára de ir a esses templos lúgubres, obscuros e frios que tu mesmo construístes e que acreditas ser a minha casa. Minha casa está nas mon-tanhas, nos bosques, nos rios, nos lagos, nas praias. Aí é onde Eu vivo e aí expresso meu amor por ti.





Pára de me culpar da tua vida miserável: Eu nunca te disse que há algo mau em ti ou que eras um pecador, ou que tua sexualidade fosse algo mau. O sexo é um presente que Eu te dei e com o qual podes expressar teu amor, teu êxtase, tua alegria. Assim, não me culpes por tudo o que te fizeram crer.

Pára de ficar lendo supostas escrituras sagradas que nada têm a ver comigo. Se não podes me ler num amanhecer, numa paisagem, no olhar de teus amigos, nos olhos de teu filhinho... Não me encontrarás em nenhum livro! Confia em mim e deixa de me pedir. Tu vais me dizer como fazer meu trabalho?

Pára de ter tanto medo de mim. Eu não te julgo, nem te critico, nem me irrita, nem te incomoda, nem te castigo. Eu sou puro amor.

Pára de me pedir perdão. Não há nada a perdoar. Se Eu te fiz... Eu te enchi de paixões, de limitações, de prazeres, de sentimentos, de necessidades, de incoerências, de livre-arbítrio. Como posso te culpar se respondes a algo que eu pus em ti? Como posso te castigar por seres como és, se Eu sou quem te fez? Crês que eu poderia criar um lugar para queimar a todos meus filhos que não se comportem bem, pelo resto da eternidade? Que tipo de Deus pode fazer isso?

Esquece qualquer tipo de mandamento, qualquer tipo de lei; essas são artimanhas para te manipular, para te controlar, que só geram culpa em ti.

Respeita teu próximo e não faças o que não queiras para ti. A única coisa que te peço é que prestes atenção a tua vida, que teu estado de alerta seja teu guia.

Esta vida não é uma prova, nem um degrau, nem um passo no caminho, nem um ensaio, nem um prelúdio para o paraíso. Esta vida é o único que há aqui e agora, e o único que precisas.

Eu te fiz absolutamente livre. Não há prêmios nem castigos. Não há pecados nem virtudes. Ninguém leva um placar. Ninguém leva um registro. Tu és absolutamente livre para fazer da tua vida um céu ou um inferno. Não te poderia dizer se há algo depois desta vida, mas posso te dar um conselho. Vive como se não o houvesse. Como se esta fosse tua única oportunidade de aproveitar, de amar, de existir. Assim, se não há nada, terás aproveitado da oportunidade que te dei. E se houver, tem certeza que Eu não vou te perguntar se foste comportado ou não. Eu vou te perguntar se tu gostaste, se te divertiste... Do que mais gostaste? O que aprendeste?



Pára de crer em mim - crer é supor, adivinhar, imaginar. Eu não quero que acredites em mim. Quero que me sintas em ti. Quero que me sintas em ti quando beijas tua amada, quando agasalhas tua filhinha, quando acaricias teu cachorro, quando tomas banho no mar.

Pára de louvar-me! Que tipo de Deus ególatra tu acreditas que Eu seja? Me aborrece que me louvem. Me cansa que agradeçam. Tu te sentes grato? Demonstra-o cuidando de ti, de tua saúde, de tuas relações, do mundo. Te sentes olhado, surpreendido?... Expressa tua alegria! Esse é o jeito de me louvar.

Pára de complicar as coisas e de repetir como papagaio o que te ensinaram sobre mim. A única certeza é que tu estás aqui, que estás vivo, e que este mundo está cheio de maravilhas. Para que precisas de mais milagres? Para que tantas explicações? Não me procures fora! Não me acharás. Procura-me dentro... aí é que estou, batendo em ti."

Einstein, quando perguntado se acreditava em Deus, respondeu: "Acredito no Deus de Spinoza, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe, e não no Deus que se interessa pela sorte e pelas ações dos homens".

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



O MFC de Itaúna(MG) está completando 25 anos de existência e perguntou a seus membros:



O QUE O MFC REPRESENTA PARA VOCÊ?

Seguem algumas manifestações colhidas no Informativo Sustentação, editado pela Coordenação local.

*“O MFC foi um convite cristão, manifestação de fé que é reforçada em mim com a participação efetiva de cada integrante do grupo.”
Marlene*

“O MFC: um aprendizado que eu não conhecia”. Milton

“Uma luz para ajudar a iluminar a nossa vida familiar e o relacionamento no nosso dia a dia.” Zilda

“Ao longo destes 25 anos, o MFC me elevou ao estágio de ser e dar o melhor de mim no dia a dia familiar.” Nenzinha

“O MFC, para mim, é tudo de bom. É o lugar onde eu me encontro, através das colegas e dos textos debatidos. Eles me dão apoio, carinho, levantam minha autoestima. Fico contando os dias para que chegue o dia das reuniões; inclusive minhas filhas também me lembram a data agendada.

Aqui, passo momentos felizes, alegres e divertidos, que são integrados ao meu dia a dia.” Célia

“Depois que comecei a frequentar as reuniões do Movimento, me tornei uma pessoa mais segura, sem medo de enfrentar os problemas da vida. Enfim me tornei uma pessoa mais feliz.” Lourdes

“É um apoio de grande importância na minha vida. Em vários momentos de minha vida pude sempre contar com a ajuda das minhas amigas do MFC.

É o Movimento que completa minha caminhada neste mundo. Ele tem sempre a acrescentar informações em nossa vida.”

Maria Elena



“É um Movimento que aos poucos foi se espalhando pelo mundo, despertando nas pessoas o prazer de trocar as experiências já vivenciadas e promover oportunidades de crescimento aos integrantes.” Neusa

“O MFC é a extensão da minha família, tratamos de coisas sérias sem perder a alegria”. Rute

“Melhorou em nossa vida a timidez e a convivência em família. Melhorou o relacionamentos até a maneira de pensar do casal”. Arnaldo

“O MFC é, para mim, motivação e força na minha caminhada familiar e cristã. Aprendi, partilhei, e cresci muito com o Movimento. Trabalhei 25 anos com Encontro de Noivos, seguindo orientações que nos vieram do Movimento.

É motivo de alegria e convivência sadia com pessoas que caminham com a gente. Adoro o MFC.” Iracema

“O MFC representa, para mim, um suporte na minha vida conjugal.” Elbi

“O MFC representa, para mim, mais conhecimento para minha vida cristã e familiar.” Odete

“O MFC, para mim, é uma escola de vivência para o casal. Através das reuniões, a gente passa a se conhecer e a conhecer o companheiro, nos tornando assim, cada vez mais humanos.” João

“Sou entusiasmada com o MFC. Dou o meu tempo e o melhor de mim para enriquecer e fortalecer as famílias que me são confiadas.” Constança

“O MFC acrescentou vários valores em minha família. Aprendi a conhecer mais as pessoas, fiz mais amizades e tive mais condições para me expressar com meus filhos e amigos.” José Lúcio

A Revista cumprimenta a Coordenação local e agradece o importante apoio que deles sempre recebeu.

***“Tudo o que somos nasce com
nossos pensamentos. Em nossos
pensamentos, fazemos nosso mundo”***

Buda

